



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO II
GRUPO MEL – MÍDIA/MEMÓRIA, EDUCAÇÃO E LAZER**

ANA PAULA CONCEIÇÃO OLIVEIRA

**MOVIMENTO HIP HOP:
EDUCAÇÃO EM QUATRO ELEMENTOS**

**SALVADOR
2007**

ANA PAULA CONCEIÇÃO OLIVEIRA

**MOVIMENTO HIP HOP:
EDUCAÇÃO EM QUATRO ELEMENTOS**

Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Augusto César Rios Leiro

SALVADOR
2007

ANA PAULA CONCEIÇÃO OLIVEIRA

**MOVIMENTO HIP HOP:
EDUCAÇÃO EM QUATRO ELEMENTOS**

Banca de Avaliadores¹

Prof. Dr. Augusto César Rios Leiro (UFBA)

Prof^a Ms. Rita Dias (UFRB)

Prof. Dr. Silvio Roberto Oliveira (UNEB)

Prof. Nelson Maca (UCSAL)

**SALVADOR
2007**

*Odete e Patrícia – Mães e Maria's da minha vida. Edinei, Ian, Larissa, Cauan, Alan e quem
mais chegar. Maria Patrícia, em memória. Aquele Salve!*

AGRADECIMENTOS

No momento em que me ponho a escrever este trabalho que considero muito significativo, resgato muitas memórias. Primeiro, tenho aquela sensação de estar encerrando um ciclo e abrindo os caminhos para outras etapas que virão. Na minha memória tenho muitas lembranças da minha origem humilde e avalio aonde cheguei até agora. O grupo social no qual estou inserida, a família, os amigos e amigas, o trabalho, o encontro com as artes e a música, as parcerias aqui e ali. Não posso iniciar a escrita deste trabalho sem antes me levar ao início de tudo e agradecer a todas as pessoas, todas as entidades de luz, a toda natureza.

Maria's da minha vida... Dona Odete Maria, mulher pela qual sinto honra e orgulho de ter nascido do seu ventre e usufruído desse seu suor honesto, amorosa baiana do acarajé, retribuir faz parte da tradição. E Patrícia Maria que, dentre tantas coisas, me ensinou a enfrentar a vida, e hoje começa a colher o resultado das horas atordoantes de estudo e aplicação que me estimularam na adolescência. Ainda farei muito por vocês.

Ao professor Ives Quaglia, artista de Itapuã, que ao me indicar para Festival do Movimento de Intercâmbio Artístico e Cultural pela Cidadania (MIAC) não imaginava que tal atitude mudaria a minha trajetória de vida.

Aos meus orientadores Pedro Abib e César Leiro, minhas pérolas. Gratidão por me compreenderem e me aceitarem do jeito que sou. Professor José Welligton, obrigada por acreditar e somar. Professoras Terezinha Fróes, Luíza Seixas, Carla, Lícia Beltrão e Eliana, atenção e conforto com brava inteligência feminina. À bibliotecária e belíssima pessoa, Auxiliadora. E sem esquecer do camarada Robson, sempre vigilante e amigo, e Robertinho, um dos maiores e raros exemplos de educação na Faculdade de Educação, que nestes quatro anos e meio me deu maravilhosas lições de vida. Rosane com toda a sua compreensão, obrigada.

À Maurício, pessoa linda de viver, amigo de fé e forma, por ter me apresentado ao Centro de Referência Integral para Adolescentes (CRIA).

Carla Lopes e Maria Eugênia Millet viram em mim algo que poderia ser usado ao meu favor. E logo na primeira semana no CRIA já estava sendo convidada a trilhar esse caminho.

O exemplo de mulher e profissional que Carla significou naquela época, foi determinante para a minha escolha profissional.

Grupos “Mais de Mil” e “Pais e Filhos”, não esqueço de vocês, quem esteve comigo sabe do que estou falando e sentindo.

Simples Rap’ortagem, Rede Aiyê, “as maloqueiras”, e toda a banca que me ensina o que é Movimento Hip Hop, não tô de bobeira, uma coisa de cada vez, valeu por tudo.

Jorge Hilton, um carinho sem dimensões. A ele tenho muito a agradecer. Vestibular, Hip Hop, Simples Rap’ortagem, todo proceder. Com o tanto que faz por mim não vou fazer desfeita, o melhor dessa vida está na trindade perfeita. Robson, O poeta do Rap, quando eu crescer quero ser que nem você.

Lorelei Willians, Durval Azevedo, Silvio Humberto, Hélio Santos, Luíza Bairros, Mário Nelson e a todas as pessoas com as quais trilhei junto o Projeto POMPA – Mentas e Portas Abertas. Estou com a chave a procura da fechadura mais perfeita.

Jarbas, Quelmonis, Gerson, George, Buja, Jason, amigos com os quais tenho muito apreço, valeu pela força e estímulo.

Djalma, Dudu, Guga, Alan, Neilson e Franklin, só quero ver todo mundo muito bem.

Em memória o Pró-Reitor de Extensão da UFBA, Manuel José, pelo apoio e integridade.

Raquel, André, Franciane, Dj Branco, Ananias, Dj Joe, Marcos Costa, valeu!

Quanta gente. Certamente deve estar faltando alguém, desculpem a falha e não se preocupem, não faltarão momentos para agradecer. Quanto esforço para que eu chegasse até aqui. Para que eu superasse as estatísticas da minha comunidade. Um Salve para a minha comunidade de pertencimento, coração e total pé-no-chão, Itapuã. Escolinha Coração de Jesus, Instituto Eubara, Instituto Manuel Galvão, Colégio Estadual Pinto de Aguiar, Colégio

Estadual Governador Lomanto Júnior, minhas principais escolas. Todas e tantas dessas pessoas já fizeram muito por mim, a partir de agora deixem comigo.

..Um povo sela a sua libertação na medida em
que ele reconquista a sua palavra.

Paulo Freire

RESUMO

O presente estudo se ocupa em destacar as contribuições do Movimento Hip Hop para a educação e faz uma reflexão sobre trabalhos científicos que vêm sendo produzidos no Brasil. A opção por um estudo de cunho bibliográfico exploratório recorta como campo empírico, o Movimento Hip Hop em Salvador. A consulta aos acervos dos cursos de Pedagogia da UFBA/ FAGED e UCSAL campus Lapa expõem as evidentes contradições que projetaram um abismo entre a crescente produção literária a cerca do tema proposto e a ausência de materiais nas bibliotecas consultadas. O estudo se ocupa dos aspectos formativo-educacionais e transformadores que compõem as realidades da juventude negra e, na perspectiva de elucidar tais aspectos, aproveitou da experiência pedagógica no Projeto Quadro Negro. Conclui-se da experiência que a academia demanda conhecer a trajetória do movimento e da sua metodologia na expectativa de ampliar o compromisso de educadoras e educadores em mudar o sistema educativo vigente e reorganizar a escola, desenvolvendo o olhar sobre as possíveis contribuições da educação não-formal e informal para a educação formal, promovendo, assim, um diálogo entre essas educações.

Palavras-chaves: Movimento Hip Hop – Educação

ABSTRACT

The present study comes to show up the contribution of the Hip Hop Movement to education and makes a reflection about scientific works that have been produced in Brazil. The option for a bibliographic exploratory study defines the empiric field, the Hip Hop Movement in Salvador. The research made in the libraries of the courses of Pedagogy of the UFBA and UCSAL exposes the evident contradictions the projected an abysm between the increasing literary production about the theme proposed and the lack of material in the libraries consulted. The study concerns about the formative-educational and transformers aspects that compose the realities of the black youth and, in the perspective of making such aspects clear, it is used the pedagogical experience of the Project Quadro Negro (blackboard). It is concluded of this experience that the academy needs to know the movement trajectory and of its methodology in the expectative of enhancing the commitment of educators in changing the current educational system and reorganizes the school, developing the look about the possible contributions of the non-formal and informal education to the formal education, promoting, so, a dialogue between these educations.

Key-Words: Education, Hip Hop Movement.

RESUMÉ

La présente étude si elle occupe en détachant les contributions de l'houblon de hanche de mouvement pour l'éducation et fait une réflexion sur les travaux scientifiques qui viennent étant produit au Brésil. L'option pour une étude de matrice bibliographique d'exploratório coupe en tant que champ empirique, l'houblon de hanche de mouvement dans le salvador. La consultation aux quantités des cours de Pedagogia de campus UFBA et UCSAL montre les contradictions d'evidentes qui avaient projeté un abîme écrivent la production littéraire croissante au sujet du sujet considéré et l'absence des matériaux dans les bibliothèques consultantes. L'étude si elle occupe des aspects formateur-éducatifs et de transformer cela composent les réalités de jeunesse noire e, dans la perspective pour élucider de tels aspects, j'emploie à l'avantage de l'expérience pédagogique dans l'image de noir de projet. On le conclut de l'expérience que la demande d'académie pour savoir la trajectoire du mouvement et de sa méthodologie dans l'espérance pour prolonger l'engagement des éducateurs et des éducatrices en changeant le système éducatif efficace et en réorganisant l'école, développant le regard sur les contributions possibles du non-contrat sans cérémonie d'éducation de la division et pour l'enseignement conventionnel, favorisant, ainsi, un dialogue entre ces éducations.

Mots-clefs : Houblon De Hanche De Mouvement – Éducation.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEAO	Centro de Estudos Afro-Orientais
DJ	Disk Jólkei (Tocador de discos)
MC	Mestre de Cerimônias
RAP	Ritmo e Poesia
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Quem é de luta... estuda! Por Marcos Costa – graffiteiro Salvador	27
Figura 2 - DJ Naysha - faz performance no evento “Hip Hop pelas Cotas: Uma Reação Afirmativa”	34
Figura 3 – Momentos do Projeto Quadro Negro	43

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Hip Hop e Mercado de Trabalho	53
Quadro 2 – Formação de Educadores do Movimento Hip Hop	53
Quadro 3 – Hip Hop e Cultura	54
Quadro 4 – Hip Hop como Movimento Social	54
Quadro 5 – Movimento Hip Hop como visibilidade do adolescente negro no espaço escolar	55
Quadro 6 – Educabilidades e traços culturais em movimento	56
Quadro 7 – Hip Hop e Educação	57
Quadro 8 – O rap como dimensão educativa	57
Quadro 9 – Thaíde um dos precursores do MH2 no Brasil	58
Quadro 10 – Contrapartida do hip hop à juventude	58
Quadro 11 – Demarcações do funk e do hip hop no Brasil	58
Quadro 12 – O hip hop e o funk e suas representações sociais	59
Quadro 13 – Filosofia e o hip hop	59
Quadro 14 – O Fenômeno hip hop	60
Quadro 15 – Do gueto para o mundo	61
Quadro 16 – Juventude do hip hop em ação	61
Quadro 17 – Política, educação e hip hop	62
Quadro 18 – Gangsta Rap	62
Quadro 19 – As letras de música Rap	63
Quadro 20 – Movimento Negro Juvenil	64

SUMÁRIO

1	EU TENHO ALGO A DIZER	16
2	HIP HOP NA ÁREA	24
2.1	Movimento, cultura – assim que é?	24
2.2	Movimento hip-hop - orí gens mundiais e quatro elementos	27
2.2.1	Break	29
2.2.2	Rap	30
2.2.3	Dj	31
2.2.4	Graffiti	32
2.3	O Brasil segue na batida	33
2.4	Vixe! Hip Hop em Salvador	34
3	VEM PRA CIMA! PROPOSTA E SÍNTESE REFLEXIVA	37
3.1	Sem perder a rima	38
3.2	Educação no MH2 Salvador – daquele jeito	39
3.3	A coisa ficou preta – o projeto quadro negro	41
3.4	Mandando fechado – aporte da pedagogia	44
4	O PROCEDÊ – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	50
4.1	Periódicos, dissertações e teses	52
4.2	Publicações em livros	57
4.3	Bibliotecas de Pedagogia – UCSAL e UFBA	63
5	O DESAFIO APENAS COMEÇOU	65
	REFERÊNCIAS	68
	ANEXO I – LETRA DO RAP “QUADRO NEGRO”	72
	ANEXO II – PANFLETO DO LANÇAMENTO DO CD INSTITUCIONAL	
	“QUADRO NEGRO”.	76
	ANEXO III - CAPA E CONTRACAPA DO "CD INSTITUCIONAL	
	QUADRO NEGRO"	77

1 EU TENHO ALGO A DIZER

O mundo intelectual deve entregar-se permanentemente a crítica por todos os abusos de poder ou de autoridade cometidos em nome da autoridade intelectual ou, se preferirmos, a crítica pelo uso da autoridade intelectual como arma política.

Bourdieu

O hip hop é um fenômeno mundial que vem ocupando, a cada ano, mais espaço na mídia e na expressão das juventudes. Com a sua origem ainda contestada, o hip hop ocupa, pelo menos duas dimensões que serão apontadas neste trabalho: Movimento Hip Hop e Cultura Hip Hop. Aproximando a dimensão de Movimento para a Universidade e curso de Pedagogia, tecerei algumas idéias sobre como a educação é marca registrada nas ações do Movimento Hip Hop e como este potencial pedagógico pode ser aproveitado pelos espaços formais de educação. Constitui-se numa tarefa não muito fácil registrar aqui, com palavras escritas, a relação da educação com o hip hop, já que esta se dá de modo simplesmente orgânico no movimento. Tenho consciência de que as palavras aplicadas por mim podem não conseguir dar conta de dimensionar esta relação. Mas se é para colaborar com o fortalecimento do povo que me faz ser quem sou, me empenho. Antes de adentrar-me no assunto diretamente relacionado à pesquisa gostaria de trazer aqui algumas inquietações que considero merecer fazer parte deste registro, já que estou encerrando um ciclo que julgo fundamental e, portanto, não posso deixar passar esta oportunidade.

Anterior a este processo de escrita, e visualizando a saída da graduação como uma mudança de ciclo em minha vida, preciso questionar: Para que e para quem pesquisar? Diante disto, como escrever? Sem lidar com tais questões talvez, toda a passagem pelo campo universitário até hoje não fizesse tanto sentido. Em resposta, devo dizer que pesquiso porque é tarefa que me envolve quanto estudante de uma ciência, que é a pedagogia. O “descobrir-me” pesquisadora veio um pouco tarde, mas é um exercício que precisa ser instigado desde os primeiros anos escolares, contudo descobrir-me pesquisadora já na Faculdade felizmente não eliminou a capacidade de pensar o eu pesquisadora ainda como ser crítico. A pesquisa enseja auto-descoberta e identificação com o que será pesquisado. O ato de pesquisar, parafraseando Paulo Freire, exige certa “militância” e serenidade, bem como o ato de educar. E militar, como sempre foi dito por Freire, e ao meu entender, é ter compromisso com as questões que te motivam mesmo quando a motivação estiver submersa em um cálice de cansaço. Hoje, ao

me envolver em uma pesquisa, cabe sempre perguntar o *para quem* estou pesquisando. O *para quem* existe para além da Entidade, Instituto ou Fundação que me financia e/ou pela qual pesquiso. O *para quem* procura em mim a reserva de “militância” que se oculta, mas não desaparece, nas ações que realizo e no momento do *fazer ciência*, até mesmo porque, a minha origem e grupo sócio-racial nunca me farão esquecer que preciso oferecer-lhes retorno pelo que em mim têm investido.

Pesquise para que a minha voz, e, por conseguinte, a voz do outro/ da outra possa estar retratada nas linhas de tal esforço intelectual. Esforço esse que tenho consciência não pertencer apenas a mim neste momento. Esforço de uma comunidade inteira que batalha contra as opressões do dia-a-dia, que investiu nesse conhecimento que agora me conduzem mundo a fora. Esforço de duas mulheres formidáveis (mãe e irmã) que não param de trabalhar para a manutenção de uma família que tem crescido a cada ano. Esforço para as crianças, jovens, mulheres e homens negras e negros que precisam acreditar nas referências para que se tornem ou se aprimorem como referências também. E é com estas diretrizes e para essas pessoas que me lanço pesquisadora.

Com relação ao *como se escreve*, a resposta continua aliada com as que foram dadas acima. Escrever, na minha concepção, significa traduzir o intraduzível, explicar o inexplicável. Mas se é importante para quem escrevo, assim o farei. Para escrever, tenho preocupações constantes, que é comum em Freire (2003, p. 56) quando, ao comentar a respeito da criação de materiais didáticos que pudessem ser utilizados nos processos de alfabetização em São Tomé e Príncipe, demonstrou a sua permanente apreensão com a linguagem do texto. “Uma das preocupações era não fazer concessões simplificadoras da linguagem e na linguagem”, estando Freire convencido de que discutir uma temática com a massa popular em termos simplistas é um sinal do elitismo de quem faz isso. A simplicidade com que circunscrevo esta pesquisa pretende estar distante do simplismo, e comunga com a concepção freiriana.

As indagações não acabam por aí, outras ainda vieram à tona. Pensei então no feitiço contido nas palavras *academia* e *intelectuais*. Sim, porque estou na academia, composta por ideologias e maneira de pensar que também ajudo a construir, e colaborando com a construção me proponho a pensar, e pensando me insiro no dever de intelectualizar. Gramsci, Bourdieu, Freire, Milton Santos e muitos outros intelectuais já se empenharam em descrever o papel previsto sobre a intelectualidade acadêmica. Os/as intelectuais da academia não estão

distantes dos/das intelectuais orgânicos¹ e vice-versa. Ao meu entender, os intelectuais orgânicos estão no hip hop, nas lideranças comunitárias, nos movimentos sociais diversos. Muitos já na Universidade, outros pulsando organicamente pelos espaços, pelo mundo. E percebo o mundo como espaço aberto, concedido, de livre-circulação, porém de pertencimento identitário, de marcas culturais e de origens de um povo, por isso é importante perceber que é eloquência de alguns pensarem que o *espaço* por ser acessível pode ser invadido, explorado ou envolvido em casos sinonímicos de opressão. É bem assim que Santos (2004) destaca a importância do deslocamento espacial. Por isso, valorizo e muito os espaços informais e não-formais de educação, pois a escola e a academia podem oferecer títulos, mas no contexto atual não tem conseguido oferecer a conexão com a vida que julgo indispensável para a formação cidadã, e a ocupação do espaço como um todo. Com obviedade que as diferentes educações não devem se sobrepor, pois tenho consciência dos valores a que se atribuem, mas é por idealizar que a combinação entre a educação formal, não formal e informal é realizável é que também escrevo. Continuo com Freire (2003) ao indagar:

E eu sou capaz por quê? Porque eu tenho um curso superior, universitário, chamado superior! Então, no fundo, eu sou um elitista, um paternalista que pretende possuir uma verdade e de noite distribui, num gesto de condescendência, a essas massas, mas em linguagem simplista (p. 56).

Pretendo estar cada vez mais distante do simplismo, um sistema que subjuga o desempenho do raciocínio, mas não desfaço da autenticidade e humildade refreada no uso de termos simples e orações elaboradas. Nisso está o *como escrever*, casados com o *para que e para quem*. Na minha construção quanto intelectual preciso preocupar-me em propor soluções à comunidade da qual origino, declarando também pertencimento a toda e a qualquer parte do mundo que cabe neste meu anseio de “transformação”. Só assim é que para mim tem valor fazer ciência. Ainda refletindo sobre nós (os/as intelectuais acadêmicos), neste mundo tem aumentado o número de letrados e diminuído o de intelectuais (SANTOS, 2004, p. 74). Segundo Santos (2004), a formação de letrados confundidos como intelectuais tem dificultado o desenvolvimento de ações pró-sociais porque, tais letrados que se comportam como intelectuais não tem conseguido corresponder aos conhecimentos e descobertas adquiridas. Estes pseudo-intelectuais, ou pensam para não encontrar a verdade, ou encontrando a verdade não a dizem. O que percebo é que no meio intelectual, do qual hoje também faço parte, existe uma tendência ao esquecimento do por que de se ocupar o meio acadêmico e os demais

¹ O termo “intelectual orgânico” foi encontrado em leituras livres nos dos pensamentos de Bourdieu.

espaços de poder. Tal amnésia é causadora de sérios danos sociais, pois ao tender o olhar apenas para o fortalecimento do seu próprio ego a pessoa do intelectual é inutilizada pela sociedade. Neste caso, a função fundamental da intelectualidade é estar em parceria com o novo, com a descoberta, e a socialização das descobertas para a comunidade global que merece ser beneficiada, além de estar aberto a se posicionar diante das necessidades do porvir com a prática e/ou apoio teórico, em busca sempre da incansada verdade. No entanto é lamentável que diálogos como esses sejam ainda traçados na academia por nós, intelectuais, como uma falácia, já que na prática, e para alguns, este comprometimento fica a desejar, ao ponto de muitas descobertas da ciência ainda atenderem aos interesses de poucos, estando distantes do alcance de todas as pessoas. Espero poder contribuir para a mudança desse quadro, por isso foi importante referendar-me deste diálogo para assumir a sistematização desta escrita, para a qual me ponho a justificar a existência deste estudo.

Retomando ao tema proposto deste trabalho, é importante colocar que conheci o Movimento Hip-Hop através da banda de rap Simples Rap'ortagem. Desde então, faço parte e venho acompanhando como este movimento cria seu espaço com as suas estratégias de resistência. O Movimento Hip Hop é formado por pessoas de espírito jovem e contestador que busca afirmação das identidades raciais negras e indígenas, discute política, saúde pública, questões de gênero, convivência, sobrevivência, trabalho e renda, enfim ações voltadas em benefício das comunidades negras e oprimidas pela conjuntura social.

O fato de o hip hop ter sido disseminado pelo mundo através dos Estados Unidos geram críticas em torno da valorização exacerbada das culturas estrangeiras a nossa, “a valorização do que vem de fora²”, mas ao decorrer do trabalho poderá ser percebido que há um senso de pertencimento cultural pelo jeito como o movimento é singular no Brasil. Ao definir quem seriam os sujeitos desta pesquisa monográfica escutei de uma colega: “por que ao invés de estudar hip hop não estuda samba, repente, cordel, que são coisas nossas, originais do Brasil?”. Devido à pertinência da pergunta me proponho a brevemente responder. Para início de conversa se vou aqui falar de raízes, de origens, devo lembrar que todas essas culturas têm em comum com o hip hop é ancestralidade africana, e a diáspora negra pelo mundo, apesar de forçada, favoreceu essa expansão. E se o hip hop é um elemento que atravessou o continente e chegou a diversos lugares do globo, também ao Brasil, na minha condição de negra em

² A “discussão em torno da valorização do que vem de fora”, ou, do que é estrangeiro a nossa cultura no Brasil constantemente é discutida no Movimento Hip Hop.

diáspora e pesquisadora-militante³ neste movimento devo sobre o mesmo escrever, falar e acrescentar. Há aqui um interesse pela forma qual a juventude negra, partindo de diferentes oportunidades, se organizam e produzem educação entre os mesmos numa perspectiva de transformação social, buscando intervir na sua realidade com o apoio do hip hop. As pessoas que formam o Movimento prezam pela tradição do estilo que seguem, mas sem se desligar sobre o que vem acontecendo no contexto global.

O presente trabalho tem por objetivo realizar o levantamento bibliográfico de material existente sobre hip hop e identificar em quais destes materiais estão informações ou construções que relacionem hip hop com educação. Para realizar tal feito opto pela pesquisa de cunho exploratória com delineamento de pesquisa bibliográfica. Segundo Gil (2006, p.41), uma pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar mais familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito, promovendo o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Ao ponto que para Minayo (1999, p. 88), a pesquisa exploratória compreende a etapa de escolha do tópico de investigação, de delimitação do problema, de definição do objeto e dos objetivos, de construção do marco teórico conceitual, entre outros. Com isto, busco responder neste estudo a seguinte questão: Como o potencial pedagógico do Movimento Hip Hop está sendo aproveitado pela academia? Aqui me importa saber se o acervo das bibliotecas de Pedagogia da UCSAL campus Lapa e UFBA/FACED estão refletindo essas variadas e novas experiências educacionais. E para modo de responder esta questão procuro, principalmente, em periódicos, livros, dissertações e teses, onde há grande concentração das produções acadêmicas a respeito do tema. Diversas produções foram exploradas e constam ainda nesta pesquisa, e cada material encontrado foi valorizado, foi de suma importância para montar essa colcha de retalhos que forma a minha indagação. Procurei pistas que servissem de lastro para esta caminhada, e então encontrei: Andrade (1999) como organizadora do livro Rap e educação. Rap é educação; Martins (2005) com Hip Hop – o estilo que ninguém segura; e ainda, Souza; Fialho e Araldi (2005) com a publicação Hip hop – da rua para escola. Três outras principais produções direcionaram este trabalho: Andrade (1996) contribuiu muito com a dissertação Movimento Negro Juvenil - um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo; Gutsack (2003) com a tese Hip Hop – educabilidades e traços culturais em movimento; e Ferreira (2005) com a dissertação Hip Hop e educação: mesma linguagem, múltiplas falas. Como havia dito acima, as produções a cerca do hip hop tem-se intensificado a cada ano, ficando cada vez mais complexo conjugar tantas

³ O termo “pesquisadora-militante” incorporado por mim, foi encontrado no trabalho de Ferreira (2005), e uso como forma de fortalecer o compromisso que tenho estando na Universidade.

pesquisas, com algumas limitações de tempo, espaço e finanças fiz o que esteve ao meu alcance.

Esta pesquisa é mais um convite a conhecer um pouco do Movimento Hip Hop, especialmente em Salvador, ou para aquelas pessoas que já conhecem convidado a revisitar, porque por aqui passaremos pela breve definição de Movimentos Sociais, para perceber em seguida particularidades que aponto entre Movimento Hip Hop e Cultura Hip Hop, sem isolá-los entre si. Diante do material encontrado tentei organizá-lo colocando em sub-capítulos construídos a partir de uma reflexão íntima. Esta organização possibilitou uma visão mais ampla de olhar crítico sobre a relação hip hop e educação, e me ajudou a construir um trabalho inicial, e não definitivo que deseja contribuir com pesquisas existentes e principalmente com a divulgação desta cultura em movimento, o hip hop. Visualizando Salvador como espaço que vem trazendo o Movimento com a sua essência de militância, ao ponto de se destacar do hip hop que acontece em outros lugares do Brasil e até do mundo, narro um relato de experiência vivenciada e provocada por militantes do Movimento no Projeto Quadro Negro, ano 2005. É através do significativo relato que abordarei o potencial pedagógico do hip hop e como esta cultura que se movimenta (ou vice-versa) pode ser aproveitado pelos espaços formais de educação, como as escolas e até mesmo a universidade.

No **segundo** capítulo está posta a provocação que distingue e associa os significados das palavras *Movimento* e *Cultura* para o contexto do hip hop. Será possível entender um pouco sobre as origens do Movimento Hip Hop partindo dos Estados Unidos, passando pelo Brasil e chegando até Salvador. Desenvolvo o juízo da composição do Movimento Hip Hop como sendo de natureza sócio-racial, focalizo a história da sua origem africana, a sua construção cultural e identitária, das festas em bairros pobres afro-americanos que, contestavam o sistema branco opressor vigente com criatividade, a dimensão diaspórica que esse movimento ganha ao atravessar o globo para encontrar com os outros negros com realidades semelhantes e desejos de mudança pulsantes.

Buscando a forte ligação que há entre educação e as lutas dos movimentos sociais, no **terceiro** capítulo me envolvo em um breve diálogo sobre movimento social e conto como, depois de ter chegado a Salvador, movimento produziu uma série de experiências educacionais para contar, falo dos segmentos que se fortalecem na cidade. Além disso, apresento um relato sobre o Projeto Quadro Negro que, fundamenta as contribuições do Movimento Hip Hop para a educação, a partir do entendimento como se dão, entre ambos, os processos de trocas de saberes, e percebo relevante importância dessa troca de formações e informações para a produção de novos conhecimentos.

Pra quem tem “procedê⁴” o **quarto** capítulo assume os procedimentos metodológicos utilizados. O uso de tabelas veio inspirado pelo trabalho Leiro (2004), e buscam facilitar a indicação sobre as leituras referenciadas.

E as considerações que não tenho interesse em finalizar, ao menos agora, estão no **quinto** capítulo, aguardando por novas contribuições que colaborem com o não esgotamento desta discussão.

No hip hop, dentre tantos instantes coletivos, existe “a batalha”. Apesar de a nomenclatura possuir um peso histórico que pode remeter aos momentos de guerra, no movimento as batalhas são momentos de construção. Podendo acontecer em quaisquer elementos do hip hop, batalhar significa demonstrar o grau de elaboração das idéias, seja com rima, graffiti, no break ou na evolução com vinil. No ano de 2006, em São Paulo, presenciei uma batalha com nível de organização em que os quatro elementos do hip hop estavam assim envolvidos. Para explicar o que vi lá seria necessário talvez escrever outra monografia. Mas em linhas gerais, tomando como exemplo o rap, quando uma rapper quer mostrar as suas habilidades com a rima convida uma oponente para a batalha. Através do combate de idéias (que podem ser delimitadas ou não pelo MC responsável pela mediação do momento) elas testam a sua capacidade criativa de elaborar o que tem que ser dito na hora dentro de um tempo determinado. Conquista o prestígio aquela que demonstrar maior sagacidade, coerência e perfeição na lógica de rimar.

Ao costurar os pensamentos neste trabalho o maior desafio para mim agora é não perder a rima. Sem perder a rima peço licença ao irmão e irmã/Pra quem dizem que sou filha, Xangô, Oxumaré, Iansã/ Aos Deuses do universo que admiro e respeito, agradeço/ E é sobre suas forças que me fortaleço/ Dos desafios que enfrento dia-a-dia/ Dureza foi encontrar na frente a monografia/ Momento para refletir parte da vida/ Solidão, falta de tempo, essa é a minha despedida/ Pesquisa exploratória, te parece distante?/ Nunca esqueço que sou pesquisadora-militante/ Posso até escrever mais em outro momento/ Ganhar mais habilidade é questão de tempo/ Não foi tão fácil por que a minha cultura é oral/ Mágica, Simples, Bela, de protesto, Ancestral/ Negras e negros que estão na academia/ Não esqueça da força africana que nos guia/ Este é o espaço, este é o momento, faça valer/ Pois tem um mundo de gente que depende de você/ Com muita humildade é que eu estou aqui/ Se eu disser alguma coisa errada pode corrigir/ Do Movimento Hip Hop sou eterna aprendiz/ Aprender com o Movimento me faz

⁴ “procedê” é uma gíria muito utilizada entre hip hoppers do Brasil, e que quer dizer origem, quem tem responsabilidade. É disseminada através das letras das músicas (Rap’s).

muito feliz/ Não posso roubar seu tempo então vamos ao assunto/ Movimento Hip Hop Salvador, tamo junto.

2 HIP HOP NA ÁREA

Quem HIP por último HOP melhor.

Jorge Hilton – Rede Aiyê Hip Hop

Antes de iniciar a pesquisa, já havia uma curiosidade no ar que esperava identificar nas bibliografias estudadas, de que maneira ao certo se deve escrever a palavra “hip hop”? Na dúvida optei por trazê-la aqui como a maioria dos trabalhos referenciados, sem o uso do hífen. hip hop, duas palavras soltas no ambiente, livres. Com isso entendo que o “Hip” fica solto sem a outra palavra “Hop”, e as duas palavras lado a lado traduzem uma cultura que se movimenta e um movimento cultural que atravessou continentes com expressões próprias de dança, imagem e som empolgantes, porque tem muito a dizer. Gustsack (2003) é quem pensa diferente, em sua tese, diz que a opção que fez em grafar a expressão hip-hop com hífen também decorre do sentido de uma linguagem sincopada, esteticamente quebradiça, reciclada, estruturada a partir de apropriações de recortes e colagens livres. Para Andrade (1996), a significação subjetiva do hip hop ultrapassa as limitações da significação lingüística do termo. Pensamentos a parte vamos ao que interessa. Com o uso ou não uso do hífen, o hip hop se apresenta, e representa.

2.1 Movimento, cultura – assim que é?

O Movimento Hip Hop me ajuda a vencer

MV Bill - Rapper carioca

Por crer que o hip hop participa também da categoria de movimentos sociais é que adentrei em investigação que me fizesse sustentar esta percepção. Gohn (2006) e Andrade (1996) tiveram expressiva importância neste itinerário. Inicialmente, Gohn (2005, p. 85) considerou o hip hop quanto movimento, quando a mesma realiza o mapeamento dos Movimentos Sociais na atualidade, o hip hop aparece contido no eixo temático: Movimentos pela educação, na área da educação não-formal, como movimentos culturais de jovens especialmente na área da música. Andrade (1996) fortalece o juízo que faz do Movimento Hip Hop integrante da categoria movimentos sociais, e, por conseguinte apreende o seu caráter educativo apontando que o sentido educativo nos movimentos sociais está intrinsecamente

relacionado à questão da cidadania. Mas ainda necessito explicar porque diferencio movimento de cultura hip hop. No histórico apresentado a seguir, há uma explanação das origens do hip hop como cultura, todavia em todo trabalho busco evidenciar no hip hop a sua característica quanto movimento. Parto do princípio que as palavras cultura e movimento são carregados de significados, haja vista a quantidade de denominações e concepções que poderia trazer para compor este trabalho. Mas como o meu principal objetivo não é versar diretamente sobre tais conceituações, mas sim, saber como esta cultura em movimento – o hip hop – influencia e contribui para e com a educação, não vou me ater nesta controvérsia, pelo menos nesta perspectiva. A palavra movimento por si só já traz uma idéia incorporada:

1. Ato ou processo de mover (-se).
2. Mudança de um corpo, ou de parte dele, de um para outro lugar; deslocamento.
3. Determinado modo de mover-se.
4. Animação, agitação.
5. Série de atividades em prol de determinado fim.
6. Evolução ou tendência em campo.
7. Cada uma das partes de uma composição instrumental do tipo da suíte ou da sonata (FERREIRA, 2004, p. 567).

Movimento é comumente utilizado para apontar certo agrupamento de pessoas que estão unidas em torno de uma luta com comprometimento, a exemplo do **Movimento** Sem-Terra, **Movimento** de Mulheres, **Movimento** Negro, e no contexto pesquisado, **Movimento** Hip Hop. É curioso perceber que sem terem no prefixo a palavra Movimento estes agrupamentos trazem a idéia de que se uniram por uma necessidade cultural, e se envolveram na luta engajada a partir de uma percepção da conjuntura social a qual fazem parte. Aspecto relevante observado a respeito dos movimentos sociais é que, nos movimentos as práticas cotidianas e as relações sociais são muito valorizadas. Procura-se pensar para além de um processo individual e engessado de aprendizagem, mas num processo que formula a politização dos seus/suas participantes. Estimula-se o desenvolvimento da consciência individual, mas preza-se pela elaboração da consciência coletiva. As práticas reivindicatórias não indicam apenas mudanças e necessidades de mudanças, segundo Gohn (2005), as práticas reorientam as políticas e os governantes em busca de legitimidade.

Gohn traz em suas escritas uma rica abordagem histórica da atuação dos diversos movimentos no Brasil. Depois de tratar sobre as décadas de 60, 70 e 80, mostra que é a partir dos anos 90 que, os resultados obtidos ou a obter com as lutas sociais não foram muitos animadores. A autora demonstra uma descrença sobre os processos de luta que os movimentos passam. Observa que muitas das lutas sociais parecem desfazer-se com o tempo. Tantas falas, tantas lutas, tanta energia empreendida! E as lições parecem ter sido aprendidas

pelos “atores errados”, afirma Gohn (2005). Não comungo com a autora neste ponto, pois penso que neste momento perde-se a perspectiva de renovação nos movimentos. Renovação esta que indica novos atores do porvir – como o hip hop – que acompanharão o tempo de acordo com os contextos sociais/históricos existentes, e o movimento da história nos remete a processos de transformação sociais mais lentos e profundos. As lutas dos movimentos sociais acompanharão a sua época, seu tempo, seu público. Um dia se luta para que os deficientes físicos e mulheres tenham espaço no mercado de trabalho, em outros tempos se luta para que as pessoas negras tenham acesso e permanência no espaço da universidade pública. De certo que tanta luta pode causar uma sensação geral de *tempo perdido* ou *esforço em vão*, todavia é também louvável que forte característica dos movimentos sociais em geral é a insistência, a resitência, a luta. Foi assim com o surgimento do Movimento Sem Terra, Movimento de Mulheres, Movimento Negro, e presume-se que será assim com os demais movimentos que surgirão.

Ávila; Oliveira; Pereira (2005) determinam que os aspectos culturais não podem ser compreendidos desarticulados do contexto onde são produzidos. Diante da complexidade existente no debate atual em torno do conceito de cultura, trago como denominação que preciso para aproximar ao hip hop “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos e mesmo as posturas corporais, esse todo fazendo parte e interagindo como produtos de uma herança cultural, ou seja, resultado da operação de uma determinada cultura” (LARAIA, 2005, p. 68). E a cultura que opera no hip hop é de base contra-hegemônica e de caráter popular, haja vista os posicionamentos de alguns hip hoppers, como o rapper Mano Brown⁵ quando, em entrevista a uma revista corrente, ele explica a sua resistência a aparecer na grande mídia televisiva⁶, como segue:

Acho que nós estamos começando a ganhar uma batalha pequena de uma guerra de gigante. Quando você começa a sair fora do sistema que os caras colocaram você, o controle remoto, tudo tá no domínio dos caras, da televisão, eles tem domínio sobre tudo, tudo que está acontecendo no mundo da música, ta ligado? (CAROS AMIGOS, vol. Especial, n°3).

Não é só o rap que está envolvido nessa batalha contra-hegemônica, os outros elementos também compartilham desta indignação. O olhar contra-hegemônico está no graffiti que desafia o ambiente urbano dilacerado pelas perturbações sociais, para colorir com críticas o espaço, levando o transeunte a refletir seu cotidiano.

⁵ Vocalista e letrista do até então mais famoso grupo de Rap brasileiro, o Racionais MC's.

⁶ Grande mídia aqui em destaque significa programas televisivos como Faustão ou Gugu.



Figura 1 – Quem é de luta... estuda! Por Marcos Costa – graffiteiro Salvador

Para integrar os demais elementos temos o break, como uma prática de dança de rua que pode reinventada a qualquer momento por suas/ seus dançarinas/os, e por isso suas mensagens através da dança podem ser das diversas realidades. E os Dj's que preparam os toca-discos com as músicas que julgarem de maior importância para os momentos mais específicos, porém não esquecem das mensagens de conscientização e auto-estima para as pessoas negras que estiverem presentes em seus bailes. Deste modo, para entender o hip hop com a sua dimensão cultural considero principalmente os espaços de entretenimento e diversão que são marcados por festas, shows ou eventos diversos. Resumindo, para o Hip Hop a Cultura está tão ligada ao aspecto artístico quanto o Movimento está para o campo das lutas. Ambos não precisam estar em campos distintos a todo o momento, e uma dimensão não invalida a outra, mas existem especificidades que evidenciam as diferenças entre o uso das terminologias postas. A Cultura é de livre acesso a todos, os Movimentos atendem a necessidades de um público distinto. A Cultura revoluciona, mas o Movimento revoluciona explicitamente e atenta-se as metas para alcançar o quanto antes o resultado esperado. Contrapontos elucidados apresento o **Movimento Hip Hop**.

2.2 Movimento hip-hop - orí gens mundiais e quatro elementos

O termo hip hop foi criado pelo Dj Lovebug Starski⁷ e popularizado pelo DJ Afrika Bambaataa no ano de 1968 (ROCHA; DOMENICH; CASSEANO, 2001, p. 17 e 18). Foi nos subúrbios de Nova York que, uma união entre o balancear das ancas (hip) e o salto (hop) movimentou comunidades afro americanas de forma cultural e fomentou a militância racial. Na maioria dos trabalhos estudados é muito comum encontrar a junção hip hop como movimentar os quadris, e é aqui a tradução que orienta esta pesquisa. O Dj Afrika Bambaataa é fundador da organização Zulu Nation, entidade que invoca a “Paz, União e Diversão” através do hip hop em diversos países do globo. Foi à organização Zulu Nation por intermédio de África Bambaataa que confere a Cultura Hip Hop a característica de Movimento. Na medida que articulou artistas locais que faziam parte de gangues para superar seus conflitos através das batalhas artísticas, seminários, palestras, para se falar sobre a importância de combater a violência, e da Cultura Hip Hop para as comunidades afro-americanas. Quando, no início da década de 70 o Bambaataa popularizou o termo hip hop ele ensaiava novos modos de fazer música, e nova forma de pensar a situação dos negros na sociedade norte-americana. Vale salientar que na década de 60 nos Estados Unidos para os negros foram tempos de batalhas, saques e confrontos com a polícia, incêndios. Porque estes anos foram de agitações políticas. Em 1954 as escolas eram ou para brancos ou para “pessoas de cor”. E os ônibus tinham lugares reservados para brancos e negros, e os negros não podiam sentar nas poltronas dos brancos. Por volta de dez anos, de 1965 a 1975 os estados Unidos sustentaram a Guerra do Vietnã. A proposta que ganhava força entre o povo preto foi chamada de *Black Power* (Poder Negro), onde com este movimento os negros pediam para resolver os problemas das suas comunidades, sem influência branca. Os *Black Panthers* (Panteras Negras) foram muito importantes no contexto histórico em que o hip hop nascia. Os *Blacks Panthers* baseavam-se numa brecha na lei americana para intimidar os policiais brancos. Como tinham o direito de portar armas, bastava ver alguma situação agravante contra negros que eles se aproximavam armados com revólveres e espingardas, assim a cena se desfazia, e os policiais não podiam tomar nenhuma medida⁸.

A gênese histórica do hip hop está diretamente ligada ao contexto social, econômico e cultural porque passava a sociedade norte-americana e especialmente as populações das periferias (Gustsack, 2003, p.36). Associado às minorias africanas e latinas existentes nos Estados Unidos, o hip hop ainda como cultura, começou por ser uma forma de luta pela

⁷ Ver informação no site www.zulunation.com.

⁸ Sobre tais aspectos ver TCC de Spensy Pimentel “O Livro Vermelho do Hip Hop” http://www.realhiphop.com.br/olivovermelho/spensy_pimentel2.htm.

igualdade dos direitos civis. Com rimas intervencionistas, os hip hoppers denunciavam as situações de iniquidades que viviam nas comunidades combinando um ritmo dançante com letras que expressavam a indignação das pessoas negras, nos microfones MC's (cantores de Rap) e nos toca-discos os DJ's embalavam a festa. Tricia Rose citada por McLaren (2000), colabora com a definição contemporânea de hip hop:

O hip hop é uma forma cultural afro-diásporica, que tenta negociar as experiências da marginalização, a oportunidade que foi brutalmente truncada e a opressão dentro dos imperativos culturais das histórias afro-americana e caribenha, a identidade e a comunidade. É a tensão entre as fraturas culturais, produzidas pela opressão pós-industrial, e os vínculos que aglutinam a expressividade cultural negra, que estabelece a base crítica, para o desenvolvimento do hip hop (p. 162).

Aliado ao termo hip hop vem junto à união de quatro elementos que em revisão ficam: Rap (música), Break (dança), Graffiti (artes plásticas) e Dj (tocador de discos). Estes elementos em sintonia formam a idéia de hip hop defendida pelo fundador desta cultura. A união destes quatro elementos suporta o sentido político intrínseco nesta cultura que se movimenta e se espalha pelo mundo através de seu discurso e trajetória.

2.2.1 Break

Nas ruas do Bronx, a música Rap chamava para a roda a dança, a *Break-dance*. O break é uma palavra de origem americana que significa quebra, surgiu nas ruas dos guetos de Nova York antes do rap, no final da década de 60 (NUNES, 1999, p. 114). Dança inventada pelos porto-riquenhos, através da qual expressavam a sua insatisfação com a política e a guerra do Vietnã, o “quebrar” significava quebrar a rotina inventando movimentos de dança que fugiam de um padrão, surgiu para acabar com as gangues e com a violência⁹. Os dançarinos de break são os *B-Boys ou B-Girls*, aqueles que dominam a técnica dançada, com passos ensaiados alinhados em cima de superfícies lisas e escorregadias. Os movimentos quebrados e marcados registrando com o corpo retratos dos da guerra e do sofrimento, dos feridos em combate na guerra do Vietnã, corpos mutilados, braços e pernas amputadas, tudo isso era e é retratado pelo break. A cabeça a rodopia no chão, imitando as hélices dos helicópteros dos aviões que iam pra combate e que não traziam consigo boas notícias. Andrade (1999, p. 116) afirma

⁹ Tais informações podem ser encontradas também em Adão (2006, p. 62) e Gêmeos apud Andrade (1999, p. 115).

ainda que, neste período havia as articulações das gangues de break e os pequenos grupos que agiam como grupos de protesto, expressando seu descontentamento e insatisfação social mediante a invenção na ação cultural.

Aos poucos, o break deixou de ser exclusivo das comunidades afro-americanas e chegou aos grupos de dançarinos em combate de melhor dança nova-iorquinos. As ruas marcadas pela violência urbana na década de 60 e 70 nos Estados Unidos, agora davam lugar a disputas de break e de rap como forma de afirmação de identidade racial e identidade do bairro.

2.2.2 Rap

O Rap, que teve sua origem na Jamaica na década de 50 com o Dj Big Youth¹⁰, é uma sigla em inglês que significa *Ritm and Poetry* (Ritmo e Poesia), chegou aos Estados Unidos com músicos como Kurtis Blow, Grandmaster Flash e Afrika Bambaata. Esse canto falado era um estilo comum entre os jovens jamaicanos durante festas e encontros onde os mesmos rimavam sobre uma batida rítmica envolvente. Chegou aos Estados Unidos incorporado pela cultura dos jovens moradores dos guetos¹¹ norte-americanos. Segundo Oliveira (2006)

O Dj colocava música com número reduzido de batidas por minuto, enquanto o Mestre de Cerimônia recitava letras de poemas e trechos de músicas antigas, o que logo foi se transformando e se tornando concretamente o Rap (p. 67).

Sendo um estilo musical de origem africana, teve grande repercussão nas comunidades afro-americanas. O rap sai da Jamaica e atravessa o continente para iniciar a sua peregrinação pelo mundo, e entre os jovens afro-americanos principia a construção do encontro na diáspora negra, que não se restringe ao campo estadunidense, logo em breve o rap seria levado para diversas partes do globo, encontraria outros guetos, outras comunidades, revelaria outras identidades, e se confundiria com os outros três elementos que compõe esta cultura em movimento, sendo o próprio rap conhecido genericamente e popularmente como hip hop. Andrade (1996) aponta também que:

¹⁰ Ver Andrade (1999, p. 118)

¹¹ Segundo Ferreira (2005), Gueto é um bairro onde são confinadas certas minorias, por imposições econômicas, ou raciais, ou mesmo sociais. Também Wacquant apud Bauman (2003., p. 105) define gueto como uma combinação entre confinamento espacial e fechamento social.

Nos Estados Unidos desenvolveram-se duas correntes entre os estilos dos grupos de rap. Nos grupos localizados em Nova York, os rappers são mais radicais, gostam de política, falam de violência e da discriminação racial, preferem ritmos rápidos em suas músicas e abusam das pesadas correntes de ouro. São representados pelos grupos Public Enemy e RUN DMC; nos grupos localizados em Miami, os rappers programam suas batidas em ritmos mais lentos, apreciam roupas coloridas e falam de amor e de sexo. Por isso, a comunidade hip hop costuma alegar que nos Estados Unidos existem várias escolas de rap: os que são gangsters e incentivam a violência contra a polícia; os que agridem as mulheres, os que são mais políticos; os pacifistas, etc (p. 122).

A respeito da discussão em torno do estilo gangsta rap, McLaren (2000) faz uma alerta para possível fonte discriminatória envolta neste estilo. Ele defende e traz uma visão diferenciada apontando uma “pedagogia gangsta”, que prepara jovens negros americanos para uma prática política e oposição ao sistema em vigor nos Estados Unidos. O rap é um meio ofensivo poderoso, no sentido de causar danos, com a cumplicidade e a complacência que a classe média branca tem com o racismo institucionalizado (MCLAREN, 2000, p.169).

A sofisticação do rap ficou por conta dos norte-americanos, onde além de ter essa característica “guetística” a linguagem musical ganhou não só o mundo, mas a qualificação para integrar o ambiente comercial, a grande indústria do hip hop norte-americano. Foram nos Estados Unidos que o rap se fortaleceu sendo apropriado pela indústria cultural do país. Esta apropriação se deve à expansão do mercado consumidor que se tomou intensa devido à proliferação paulatina da 'cultura hip hop' entre os jovens de outros estados americanos.¹²

2.2.3 Dj

O Dj (tocador de discos) foi parceiro importante na disseminação do rap. A inspiração nas batidas deixadas pelo Dj trazia harmoniosa combinação para uma letra de protesto. A cultura do Dj merece destaque nesta formação que leva ao hip hop, pois, possui uma trajetória particular e mais independente dos demais elementos. A percepção sobre esta peculiaridade é tanta, que Cláudia Assef escreve no Brasil no ano de 2003 o livro “Todo Dj já sambou”, que relata a trajetória do disc-joquei no país. A autora celebra Dj's de todos os estilos, tempos e lugares, se atendo pouco aos Dj's do hip hop. Segundo Juny Kp (2001) o termo “Dj” foi inventado por Beat Junkies, onde o Dj tinha como responsabilidade, além de tocar músicas e

¹² Ver Andrade (1996, p.118)

manipular os discos, inovar no som. O scratch¹³ foi importante novidade, pois proporciona outras performances de intervenção do Dj. Nomes importantes para a Cultura dos Dj's na época foram o Dj Kool Herc, quem criou o conceito de break beat, Grandmaster Flash, que desenvolveu o scratch, Bambaata, reinando na parte leste do bairro negro americano Bronx, e o Dj Breakout instalado ao norte dos Estados Unidos.

2.2.4 Graffiti

O graffiti¹⁴, (as artes plásticas) é um elemento que segue na mesma linha do Dj, a maneira de caminhar está entrelaçada entre o singular e o plural. Encontrar as influências que inspiraram o seu agregamento ao hip hop é um grande desafio.

Graffiti é a designação para a pinturas feitas em muros e paredes na rua. Mensura-se que os primeiros graffiti tenham surgido ainda na época pré-histórica, onde as pinturas rupestres formatavam as paisagens. Cascudo (2002), acrescenta dizendo que, como:

[...] manifestação artística observada em muitos países, o grafite consiste em pinturas com frases ou mensagens, de cunho decorativo, que os seus atores, os grafiteiros desenham nos muros e nas paredes ao longo das vias públicas.

Apesar de ser considerado por muitos como um ato de vandalismo, uma vez que suja as paredes de inúmeros edifícios, muitas vezes edificações históricas. O graffiti no hip hop está ligado a conscientização. Prevendo as represálias que a cultura do Graffiti passa pela sociedade, Cascudo então acentua:

Não deve ser confundido com a ação dos pichadores, que sujam as cidades, destroem monumentos, desrespeitando o patrimonio publico. O fenômeno do grafite vem sendo estudado por pesquisadores.

Enquanto para as mentes manipuladoras tentam passar a imagem de que os seguidores do graffiti agem por vandalismo, esta expressão legítima é utilizada como veículo para se revelar realidades marcadas pela opressão. O que é vandalismo para uns, para muitos é um

¹³ Jeito de o Dj girar os discos para trás e para frente gerando um som riscado e contorcido.

¹⁴ Etmologicamente, Grafite ou Graffiti (do [italiano](#) *graffiti*, plural de *graffito*) significa "marca ou inscrição feita em um muro", e é o nome dado às inscrições feitas em paredes desde o [Império Romano](#). Trata-se de um movimento organizado nas artes plásticas, em que o artista aproveita os espaços públicos, criando uma linguagem intencional para interferir na cidade. Apareceu no final dos anos 70 em Nova York, como movimentos culturais das minorias excluídas da cidade. Com a revolução contracultural de maio de 1968, surgiu nos muros de Paris, as primeiras manifestações ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Grafite_\(arte\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Grafite_(arte))).

considerável instrumento de protesto.

Agora que as informações que, via de regra, generalizam a idéia de Movimento Hip Hop já estão apresentadas, proponho voltar os olhares para o contexto brasileiro, que possui marcas bem particulares. Adiantando que, ao contrário dos Estados Unidos, no Brasil o MH2 traz como característica marcante a atuação social, que projeta a melhoria das condições de vida das pessoas de dentro do movimento ou fora dele, além de assumir as identidades negra e indígena como ponto referencial de resistência

2.3 O Brasil segue na batida

*Fumaça, cachaça, ou status de machista,
infelizmente esta foi uma das piores conquistas.
Comercializar ideais no jogo, valorizar a futilidade
não é o que quero pro meu povo.*

Trecho da música “Rap da Suingueira” – Simples Rap’ortagem

O Movimento Hip-Hop surgiu no Brasil no começo dos anos 80 (poucos anos depois de seu surgimento, nos Estados Unidos), mais notadamente em São Paulo. Chegou através das equipes que faziam os bailes soul¹⁵ e dos discos e revistas que começaram a ser vendidos em lojas nas galerias da Rua 24 de Maio, no Centro de São Paulo. Os primeiros a aparecer foram os dançarinos de break que, segundo Alves (2004, p. 11) “chegou pelas mãos das classes mais abastadas, que viajavam aos estados Unidos, aprendiam a dança e utilizavam seus passos nas pistas de casas noturnas badaladas do Brasil”.

Nelson Triunfo foi o grande responsável por levar o estilo break para as ruas. Homem negro e de origem pernambucana, Triunfo formou o grupo Black Soul Brothers, e logo em seguida o destacado Funk & Cia.

O grupo Funk & Cia lançou nas ruas a arte da dança e novos estilos, como o robótico, eletric boogie, pop e o break. O ponto de referência para os futuros b-boys (dançarinos de break) começou em frente ao Teatro Municipal, região central de São Paulo foi até o viaduto do Chá, Rua Direita passando pelos arredores da República. Uma multidão ficava em volta dos jovens que contorciam incrivelmente todas as partes do corpo. Uma onda elétrica parecia estar passando pelos seus corpos com uma precisão mecânica impressionante. (MARTINS, 2005. p.42)

¹⁵ Tipo de música negra americana que se originou no início dos anos 1950 a partir da fusão do *rhythm and blues* e da música *gospel*, e cujas principais características são o fervor dos coros e a improvisação.

Expulsos pelos comerciantes e policiais da região, transferiram-se para a estação de metrô São Bento. “Como os outros jovens que dançaram os primeiros passos de break no Centro de São Paulo, ele apenas dançava para se divertir, mas não tinha a percepção do hip hop como movimento social.” (ROCHA; DOMENICH E CASSEANO, 2001, p. 47).

Logo houve uma cisão entre esses breakers(dançarinos) e os rappers(cantores da música rap), que começavam a fazer seus versos e tiveram que se deslocarem para a Praça Roosevelt. Pouco tempo depois, eles se tornaram a facção mais forte e atuante do Hip-Hop paulistano, levando até alguns breakers a tornarem-se rappers.No final dos anos 80 começou a surgir os MC’s dentro das gangues de break, alerta Martins (2005, p. 49). Não demora muito, e os demais elementos se integram no processo de chegada do Movimento Hip Hop ao Brasil. Seguindo informações de Rocha; Domenich e Casseano (2001, p. 51), os primeiros traços de graffiti já começavam a ser visto pelas ruas, como os do artista plástico Alex Vallauri, entre 1983 e 1968, Martins (2005, p. 49) destaca Os gêmeos uma das mais importantes referências nesta arte emergente, e o rap já começava a ganhar mais destaque no cenário nacional.

Enquanto isso, em outras cidades do Brasil, o Movimento Hip Hop começava a criar curiosidade entre a juventude, surge o Movimento Hip Hop Baiano.

2.4 Vixe! Hip Hop em Salvador

Presente no Brasil desde os anos 80, o hip hop ganha força no cenário local como movimento organizado em 1996. Organizado em posses, e costumeiramente em grupos de rap, break, graffiti diversos, o movimento hip hop costuma oferecer oficinas para jovens nas comunidades populares de Salvador, e os temas das oficinas variam de acordo com a realidade de cada lugar.



Figura 2 - DJ Naysha - faz performance no evento “Hip Hop pelas Cotas: Uma Reação Afirmativa.”

Geralmente são construídos produtos midiáticos, como fanzines, programas de rádio ou letras de rap que contribuem para a divulgação do movimento de Salvador. Contier (2002) analisa o estado da arte do movimento na cidade:

Em Salvador, a infra-estrutura é frágil – os *shows* acontecem em praças e nas escolas – e faltam equipamentos para os DJs e informação sobre o rap de outros estados. Mas o movimento vem crescendo e hoje se ouve o *freestyle* – rima de improviso – na saída das escolas, nos intervalos de aulas e até em pontos de ônibus. A batida costuma misturar elementos da cultura negra, é o *hip-hop* afro, como faz o grupo Quilombo Vivo, de Amaralina, em Salvador, que mistura capoeira e candomblé em suas músicas. Outros grupos representativos são: Fúria Consciente, Quilombahia, DGS, Simples Rap’ortagem, Juri Racional, Lica, Os Agentes, Anjos da Rima e Jr-junior¹⁶.

A força atribuída a resistência do Movimento Hip Hop Salvador está nos Encontros Estaduais e Nordestinos que o movimento realiza ou têm participado, além de encontros de Gênero realizados também com a iniciativa do Núcleo de Mulheres da Rede Aiyê Hip Hop, e mais Bailes Blacks produzidos pelo Blackitude, Seminários e Shows Comunitário, como o “Hip hop na Onça” suscitados pelo Repensando Sussuarana, e oficinas afro-diaspóricas no ambiente dos Terreiros de Candomblé promovidas pelo Hiphopcomcompromisso. Estes são os *segmentos*¹⁷ que vêm dando corpo ao movimento na cidade atualmente. Cada segmento

¹⁶ [CONTIER, Júlia. De Norte a Sul - Um estilo quase musical que serve de veículo a textos em geral libertários e de protesto. 2002.](http://www.eja.org.br/cadernosdeaja/juventudeetrabalho/jt_txt10.php?acao3_cod0=e5041224a79a9f10e9b0fe7a4d1c40ab)
http://www.eja.org.br/cadernosdeaja/juventudeetrabalho/jt_txt10.php?acao3_cod0=e5041224a79a9f10e9b0fe7a4d1c40ab Acesso em 27/06/2007.

¹⁷ Estes termos serão explicados um pouco mais adiante, porém, é necessário fazer uma pequena ligação entre eles na tentativa de que se compreenda o contexto de Movimento Hip Hop em Salvador. A chegada do hip hop organizado como Movimento configura, no início e preponderantemente a presença de posses (organizações juvenis que se reúnem no intuito de também colaborar com a resolução dos problemas comunitários), com a evolução do movimento em Salvador, a idéia de posses tendem a desaparecer, dando lugar a chegada dos segmentos (são articulações maiores realizada por jovens e pessoas adultas com a visão mais amadurecida sobre as práticas com o Movimento.)

realiza trabalhos particulares, de acordo com as suas especificidades. São grupos que se auto-organizam e se auto-produzem em busca de alternativas para a emancipação do povo negro local e no global.

A história sobre a chegada do Hip Hop na Bahia, em evidência, Salvador possui uma riqueza de detalhes que poderiam ser colhidos através da oralidade, contudo, pelo perfil conferido a esta pesquisa, tenho limitações, por isso, indico o trabalho de Neto (2006) que revela alguns detalhes importantes constituintes dessa história. Como a chegada do Black Bahia, a influência midiática sobre o break, o enegrecer proposto pelo bloco Afro Ilê Aiyê. Procurando me ater ao que este trabalho propõe, então, percebo que a educação no Movimento Hip Hop Salvador é pulsante, procuro amadurecer tal afirmativa nas próximas páginas.

3 VEM PRA CIMA! PROPOSTA E SÍNTESE REFLEXIVA

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja, ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar.

Carlos Rodrigues Brandão

Com a citação que inicia este capítulo Brandão (2006, p. 7) leva-me a refletir que, não quero mesmo “escapar da educação” e não quero que qualquer outra pessoa escape. Penso então sobre o risco que corremos ao necessitarmos da educação. Que risco maravilhoso. Que satisfação sinto em aprender a cada dia. Percebo como ao aprender estou também envolvida no ato de ensinar. Sim, o risco de envolver-se pela educação é situação que não devemos escapar.

Certa feita, o filósofo brasileiro Rodhen (2005, p. 17) afirmou que “ninguém pode educar alguém”, isto porque, “alguém só pode educar a si mesmo”. Para ele, a verdadeira educação é de essência intransitiva, ou reflexiva, subjetiva. O educador mostra o caminho que pensa ser o mais correto ao educando. Daí, o que o educando vai seguir dependerá das oportunidades e/ou escolhas que ele ou ela assim fizer. Maturana (1998, p. 29) segue por um caminho similar ao definir que o educar se constitui no processo em que a criança ou adulto convive um com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente; tal espontaneidade se demonstra cotidiana, progressiva e mais harmoniosamente no espaço de convivência.

O Movimento Hip Hop se utiliza dos diversos espaços de convivência para construir meios de superação das realidades postas. Falta de qualidade na educação, desemprego, racismo, sexismo e homofobia, universidade pública gratuita e de qualidade para estudantes negras/negros, são algumas bandeiras de lutas que quando erguidas pelo movimento, significa uma reação contra-sistema.

Contribuindo para a discussão, ao comentar sobre os espaços e tempos em que se dá a educação, Freire (2002) traz uma afirmação que desencontra um pouco com o pensamento de Rodhen quando diz que:

[...] no fundo passa despercebido a nós que foi aprendendo socialmente que mulheres e homens, historicamente, descobriram que é possível ensinar. Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível

ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aulas das escolas, nos pátios dos recreios (p. 49).

É por acreditar que ainda podemos, em sociedade, reconhecer as experiências informais e não-formais de educação como complemento para os moldes de educação formais, que me debruço sobre os estudos do pensar-fazer educação de Paulo Freire, somado a Brandão, Rodhen e Maturana, onde estes teóricos apresentam a fonte de inspiração para o capítulo que se segue.

3.1 Sem perder a rima

No Movimento Hip Hop o **conhecimento** é legitimado como elemento que funda as ações do movimento. Assim como os termos cultura e movimento, a palavra conhecimento é também carregada de significados. Barros e Lehfeld (1986) afirmam que o conhecimento é consequência da relação entre sentidos e objetos exteriores. Quando as autoras desenvolvem em conceito o conhecimento pode ser:

Manifestação da consciência-de-conhecer. De forma mais simplificada, diz-se que o conhecimento existe quando a pessoa ultrapassa o dado vivido explicando-o. [...] o conhecimento e/ou o ato de conhecer existe como forma de solução de problemas próprios e comuns a vida (p. 46).

O conhecimento se dá por meio de níveis, isto porque:

O conhecimento é o resultado de um processo histórico que supõe necessariamente formas progressivas de educação, evolução e desenvolvimento, abrangendo sempre em todas as circunstâncias bio-psico-sociais do homem (e da mulher) elementos básicos que definem o sujeito e o objeto (BARROS E LEHFELD, 1986, p. 48).

Sendo assim, é possível revelar que os tipos de conhecimento são: sensível, filosófico, teológico ou científico. Em cada tipo de conhecimento pode-se compreender as características que os diferenciam entre si, mas, entre eles, o que se aproxima do hip hop é o conhecimento do tipo sensível ou empírico. Esse tipo de conhecimento é apreciado a partir da vivência passada pelos integrantes do movimento.

No contexto do Movimento Hip Hop o conhecimento é projetado no papel da educação. E a educação está além do plano formal de educar, já que “o ensino escolar não é a sua única prática e o professor não é os eu único praticante” (BRANDÃO, 2006, p. 9).

Percebendo que na articulação dos grupos seus membros desenvolvem mecanismos de participação social, implantando novos valores através da expressão que se auto-afirma identitária e localmente. Procuo indicar como se processa a educação no Movimento Hip Hop em Salvador.

3.2 Educação no MH2 Salvador – daquele jeito

Em algumas letras de rap poderão ser encontradas críticas que apontam a escola como um espaço mal aproveitado e pouco possível de estender expectativas positivas sobre o futuro,

A escola é caduca, mal ensina, deseduca;
Essa é a sina;
Estamos sem beira nem beira;
Á beira do ano 2000;
Profissão de pobre é pegar em fuzil;
(...)
(Face da morte – Brasil sem educação)

Ao traçar um paralelo com os quatro elementos do hip hop, entendo que a educação perpassa pelos elementos indistintamente. O quinto elemento, o conhecimento, potencializa as ações do Movimento, dá maior significação quanto a atuação política e social, reelaborando as práticas e estratégias para envolver mais e mais pessoas na teia educativa e cultural gerada pelo hip hop. Com isto, ligo os tracejados que me fazem acreditar na educação através do hip hop, ou na hip hop educação.

O hip hop atua no campo da educação, com a sua identidade específica, porque entende nela o seu caráter libertador e promissor. A educação é inerente ao hip hop e aos Movimentos Sociais diversos:

No movimento social encontramos duas caracterizações relevantes; tratam-se da prática contestatória e do processo de conscientização dos atores. Estes dois aspectos propiciam a articulação de organizações coletivas em que os atores envolvidos na organização se submetem ou estão sujeitos a um mecanismo de aprendizagem (Andrade, 1996, p. 89).

Numa perspectiva de educação não-formal e informal entendo que há diversas maneiras de processar a educação no movimento. A mais evidente está no trabalho de constante alinhamento da arte com a educação presente nos elementos do hip hop. A arte-educação é a educação que oportuniza ao indivíduo o acesso à Arte como linguagem expressiva e forma de conhecimento (Wikipédia, 2007), com liberdade e autonomia (grifo meu). É um processo educativo que está fundando nos conhecimentos sensíveis, considerando a condição existencial concreta do educando, ao ponto que para praticar o que é pedido por cada elemento do hip hop, é preciso se ter muita criatividade, autoliberação, espontaneidade e identificação. Afirmo, pois pude presenciar tais características com idas a bailes blacks, festas undergrounds, seminários, palestras, projetos, encontros, ou simples reuniões que acabaram, descontraidamente, em uma confraternização. Através destes acontecimentos são valorizados os processos de aprendizagem em grupos e os valores culturais que articulam as ações de cada parte integrante do movimento. Então as pessoas aprendem. E o “ensinar-e-aprender” e o aprender-ensinando ocupam o mesmo espaço de modo bem natural e fluido. A educação popular pautada principalmente por Freire (2005) e Brandão (2006) são como inspiração quando penso na relação existente entre a educação e o hip hop, ou ao pensar em uma nova metodologia, a hip hop educação

O Movimento Hip Hop em Salvador, desde o surgimento até os dias atuais, vem demonstrando certa tomada de consciência sobre seu caráter educativo. Seja em seminários organizados à evidência do poder de mobilizar que está contido nos segmentos e posses¹⁸.

A consciência gerada no processo de participação num movimento social leva ao conhecimento e o reconhecimento das condições de vida de parcelas da população, no presente e no passado. Os encontros e seminários contribuem para a formação desta visão que historiciza os problemas. Este conhecimento leva à identificação de uma dimensão importante no cotidiano das pessoas, a do ambiente construído, do espaço gerado e apropriado pelas classes sociais na luta cotidiana (Gohn, 2005, p. 20).

Marca que confirma tal comportamento é a busca pela atualização das informações contidas nos quatro elementos aqui tratados: rap, break, graffiti e dj. Existe neles uma preocupação de informar com a qualidade devida, fazendo com que cada palavra dita, cada

¹⁸ As posses são associações locais de grupos de jovens rappers que tem como objetivo reelaborar a realidade conflitivas das ruas nos termos da cultura e do lazer. (Essa informação foi encontrada em Rocha; Domenich; Casseano, 2005, é do sociólogo José Carlos Gomes da Silva, 1998) Reúnem grupos dos quatro elementos para aperfeiçoamento artístico e divulgação do Movimento e da Cultura Hip Hop.

gesto quebrado, cada parede pintada e disco riscado ofereçam as pessoas oportunidade de pensar educação fazendo.

3.3 A coisa ficou preta – o projeto quadro negro

O projeto Quadro Negro, desenvolvido em 2005, correspondeu ao desenvolvimento de ação sócio-cultural com o objetivo de fortalecer os Programas de Ações Afirmativas das 17 Universidades Públicas brasileiras, através da superação do olhar discriminatório sobre as reservas de vagas (cotas) no vestibular. O Projeto potencializou as ações da banda Simples Rap'ortagem e da parceira no Projeto, a Rede Aiyê Hip Hop, utilizando como recurso metodológico oficinas, shows e seus produtos institucionais: “cd Quadro Negro”¹⁹ e a “Cartilha Hip-Hop Pelas Cotas: Uma Reação Afirmativa” que fizeram parte do Programa de Ações Afirmativas da UFBA, produzidos em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão, Fundação Palmares, CEAO e UNICEF.

O hip-hop da Bahia foi pioneiro na discussão sobre as ações afirmativas que reservam vagas para negras/negros, indígenas e população de baixa renda estudante de escola pública nas Universidades Federais e Estaduais brasileiras. Estes debates vêm demonstrando avanços significativos ao decorrer destes anos. O Projeto Quadro Negro ampliou as ações de sensibilização e conhecimento em torno dos temas “cotas”, “universidade pública”, “Hip-Hop” e “Racismo” dentro da Universidade Federal da Bahia. Para tanto, foi produzido o cd “Quadro Negro” que foi distribuído através da Fundação Palmares para as universidades e entidades que trabalham com as questões raciais, e concomitantemente foi elaborada uma cartilha informativa chamada “Hip-Hop Pelas Cotas: Uma Reação Afirmativa” que contém elucidações sobre os principais pontos referentes às reservas de vagas (cotas) no vestibular, porém por falta de recursos financeiros, a Cartilha, até então, não foi publicada. O Projeto Quadro Negro atuou em 6 (seis) escolas da Rede Pública de Ensino em Salvador, sendo estas:

- Colégio Estadual Renan Baleeiro;
- Colégio Estadual Noêmia Rego;
- Colégio Alberto Valença
- Colégio Estadual Clériston Andrade;
- Colégio Estadual Bertholdo Cirilo dos Reis;
- Colégio Estadual Cidade de Curitiba.

¹⁹ Ver o anexo III.



Figura 3 – Momentos do Projeto Quadro Negro.

Vale salientar que todas essas escolas estão localizadas em bairros periféricos e subúrbio da cidade do Salvador. O Projeto foi apresentado às escolas na Pró-Reitoria de Extensão da UFBA em uma reunião, na qual aonde foram firmados os apoios dos respectivos representantes das escolas a proposta colocada pelo Movimento Hip Hop. O termo de compromisso pautava o que seria necessário para realização das oficinas: alimentação para o alunado inscrito, salas reservadas para as aulas práticas, o auditório ou sala equivalente para exibição de vídeo e discussão a cerca das temáticas propostas pelo projeto (racismo, preconceito, cotas, hip hop), televisão e aparelho de dvd para o professorado das escolas, no intento de sensibilizá-los e estimulá-los a comparecerem nos dias das oficinas.

A equipe do projeto era composta por integrantes da banda Simples Rap'ortagem e da Rede Aiyê Hip Hop²⁰, havendo estudantes dos cursos de Pedagogia, Artes Plásticas, Teatro e Ciências Sociais, todos da UFBA mesclados a estudantes pré-universitários. Metodologicamente o Projeto iniciou com a ida às escolas. Foi organizado um plano de atuação de modo que o calendário do Projeto pudesse ser cumprido dentro do prazo estipulado, seis meses. Aconteciam sempre em cada escola duas visitas de sensibilização; a primeira tinha o foco nos/nas estudantes, quando através de uma breve mostra dos elementos da cultura hip hop mexeu-se com os interesses destes pelo projeto, culminando na inscrição nas oficinas de rap, break ou graffiti a partir da identificação natural dos mesmos; e a segunda

²⁰ Segmento citado no terceiro capítulo.

tentava aproximar os professores e professoras do Movimento Hip Hop buscando desmistificar os preconceitos relativos ao Movimento e atentar para a importância de os professores e professoras discutirem as Ações Afirmativas e incentivarem seus alunos e alunas ao ingresso na Universidade pública utilizando-se desta conquista fruto de uma luta traçada pelo Movimento Negro e entidades afins no país; e então no dia determinado para acontecer às oficinas de fato, passava-se um dia inteiro na escola, discutindo e praticando os elementos do hip-hop. Na parte da manhã, a oficina aconteceu em um auditório (ou espaço equivalente) envolvendo o maior número de pessoas cabíveis ao ambiente.

Com a temática: “Hip-Hop pelas Cotas – Uma Reação Afirmativa”, a oficina iniciava com a exibição do vídeo do 3º Encontro Baiano de Hip-Hop, para em seguida se realizarem discussões e debates com problematização de questões em torno do tema. Essas discussões eram realizadas pelos dois membros da banda Simples Rap’ortagem (que já estavam na faculdade nos cursos de Pedagogia e Ciências Sociais) e contemplou informações sobre o histórico do hip-hop (ênfase sua atuação local), bem como informações referentes às cotas na UFBA e o viver acadêmico. Já na parte da tarde, o grupo se dividia entre as três oficinas para a produção criativa do que havia sido discutido pela manhã. No fim da tarde, aconteciam amostras com resultados alcançados pelas equipes e uma grande avaliação, onde as pessoas que se sentiam a vontade tinham espaço para fazer observações, acrescentar, criticar.

Depois das atividades, a equipe do projeto Quadro Negro se reunia para fazer avaliação interna, planejamento pedagógico e preparar-se para as escolas que viriam. O Projeto culminou em uma temporada de shows e encenações artísticas de quatro fins de semana em um teatro da cidade, que contou com o apoio de artistas locais e arte-educadores, sendo o último dia reservado para demonstrar o resultado final do Projeto tendo a presença efetiva das escolas que o compunham. A Temporada de nome “Quadro Negro” foi mais uma maneira que o hip hop encontrou para divulgar o Movimento e consolidar as suas ações de viés arte-educativa. Os relatórios e avaliações foram enviados para as entidades financiadoras do Projeto, as escolas receberam o vídeo-resultado produzido e editado pela equipe Quadro Negro, e o Projeto, que aconteceu em formato de plano piloto e não pôde ter continuidade, por conta de necessidades logísticas e financeiras que não conseguiram ser supridas.

A maneira organizada como expus o Projeto Quadro Negro é o arquétipo do que o Movimento Hip Hop é capaz de produzir. Realizar projetos, oficinas, palestras, shows, seminários, tudo com a qualidade possível. Mas interessa pontuar aqui, que devido ao caráter independente e autônomo que existe no Movimento e nos elementos que o compõe, este

“máximo possível” acontece, muitas vezes ainda, de forma artesanal, porém objetiva. Esta forma de atuação é semelhante nos movimentos de educação popular, entendendo segundo Freire e Nogueira (2005), educação popular como:

[...] esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica. [...] esforço que não se esquece, que é preciso *poder*, ou seja, é preciso transformar essa organização de poder burguês que está aí, para que se possa fazer escola de outro jeito (p. 19).

Fazer a escola alcançar um outro horizonte do ponto de vista educativo-formativo é uma das proposições feitas pelo Projeto Quadro Negro, e isso acontece a partir do momento que o mesmo resolve adentrar os muros das escolas para sugerir parceria, não só entre linguagens, mas de compreensões e concepções de ver e fazer educação, em prol das juventudes que estão ali, no ambiente escolar, atônitas e curiosas por saberem o que o tempo lhes reserva.

Se o caráter de transformação política admitido por Touraine (2006) ocupa destaque nos Movimentos Sociais em geral, no hip hop, este caráter se potencializa e é bem peculiar, tomando-se como exemplo para a afirmativa, além das ações deste projeto que destaco as atuações dos segmentos que permanecem acontecendo até hoje em Salvador. Composto por uma juventude que deseja transformar realidades e, de jovens e pessoas adultas que, permanecem acreditando e colaborando para a construção de uma nova sociedade, o MH2 em Salvador percebe que precisa ampliar a luta, agregando novos personagens, e agindo com estratégias a cada tempo mais eficazes. Formar estratégias significa sobreviver, e sobrevivência significa continuar nas lutas dignamente.

3.4 Mandando fechado – aporte da pedagogia

Com o Projeto Quadro Negro encontrei uma forma para demonstrar como são possíveis e importantes as contribuições provenientes do Movimento Hip Hop para a educação formal. As oficinas de Rap, Break e Graffiti proporcionadas pelo projeto, a meu ver, não trazem muitas novidades de cunho metodológico, pode-se perceber que esses modelos de oficinas são de comum acontecimento em variadas práticas pedagógicas do movimento.²¹ Contudo, a intervenção direta do movimento no espaço escolar, objetivando transformar a educação de

²¹ Como meio de exemplificar, sugiro consultar as obras de Andrade (1999), Souza; Fialho e Araldi (2005); Rocha; Domenich e Casseano (2001).

“dentro para fora”, fazendo um movimento de “fora para dentro” das escolas merece ressalvas.

Ao realizar o projeto, todas as pessoas estiveram também envolvidas na relação “aprender-ensinar-aprendendo”. Ponto que destaco é que as ações do projeto foram intermediadas e assumidas por pessoas jovens e adultas que compuseram a equipe para o trabalho proposto. Freire (1996) apresenta uma postura mais radical ao defender o que vem a ser “assumir ou assunção”:

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou professoras, ensaiam a experiência profunda de assumir-se (p. 46).

E o ato de assumir-se ainda para Freire (1996) significa:

Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos [...] Assumir-se como sujeito porque é capaz de reconhecer-se como objeto (p. 46).

E concretiza esta linha de pensamento dizendo que “a assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a ‘outredade’ do não *eu*, ou do *tu*, que me faz assumir a radicalidade de meu *eu*” (FREIRE, 1996, p. 46).

Como percebo, ao “assumir” um projeto como Quadro Negro, os seus realizadores detiveram uma postura corajosa e emblemática. Assumir ou assunção também pode significar zelar e responsabilizar-se pelas transformações da sociedade e acredito eu, o Movimento Hip Hop Salvador se ocupa deste papel. Retomo a questão em que esta pesquisa está pautada²² e vislumbro uma diferente questão propositiva: Como a Pedagogia pode contribuir com o Movimento Hip Hop?

De acordo com Ghiraldelli, (1996) entre o final do século XIX e o início do século XX, Durkeim define pedagogia como “literatura de contestação de educação em vigor, afeita ao pensamento utópico.” Participo da idéia de que a Pedagogia é um “campo do conhecimento” que, “diz respeito ao estudo e a reflexão sistemática sobre o fenômeno educativo, sobre as práticas educativas, para poder ser uma instância orientadora do trabalho educativo” (LIBANEO, 2002, p. 63). Diferente da educação, que é vista como uma prática social que

²² Como o potencial pedagógico do Movimento Hip Hop está sendo aproveitado pela academia?

deve contribuir para a formação de capacidades para atuação e participação criativa e com liberdade, cujo fim, segundo Brandão (2006), é:

O desenvolvimento do que na pessoa humana pode ser apreendido entre os tipos de saberes existentes em outra cultura para formação de tipos de sujeitos de acordo com as necessidades e exigências de sua sociedade, em um momento da história do seu próprio desenvolvimento (p. 174).

A Pedagogia cumpriu, no Projeto Quadro Negro, o papel de organizar e intermediar os processos educativos constantes, além de oferecer suporte para a execução das oficinas, através da preocupação na elaboração dos instrumentos avaliativos e didáticos e, da pré- formação dos/das arte-educadores/artes-educadoras. Percebo a gravidade em que estão pautadas as trocas de saberes entre o Movimento Hip Hop e a educação formal, no caso, as escolas e universidades, por isso, e entre eles, vêem grandes possibilidades de cooperação.

Mas ao afirmar que o Movimento Hip Hop é educação em quatro elementos, em que bases estou me apoiando? Com a pesquisa, pude identificar três modalidades de educação que apesar de já terem sido expostas ao decorrer do texto gostaria de agora elucidar. São estas: a educação formal, a educação não-formal e a educação informal.

Logo, quando pensei em hip hop, associei as suas práticas educativas à modalidade não-formal da educação, então recorri à Gohn (2005), que define:

A educação não-formal designa um processo com quatro campos ou dimensões, que correspondem a suas áreas de abrangências. O primeiro envolve aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos (p. 98).

A aprendizagem política colabora para a compreensão dos interesses individuais ou coletivos nas pessoas. Além de apontar direções voltadas à prática cidadã, a participação em atividades grupais é uma ponte interessante para a travessia compreensiva da educação não-formal. O segundo campo ou dimensão sinalizado por Gohn (2005, p. 98) diz respeito à capacitação dos indivíduos para o trabalho por meio de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades. O terceiro é a aprendizagem de práticas de capacita os indivíduos para atividades comunitárias. E o quarto, é a aprendizagem de conteúdos formais, de maneiras e em espaços diferenciados.

A autora sugere ainda um quinto campo, que segundo a mesma, não é muito explorado pelos educadores, que é a educação desenvolvida pela mídia, em especial a eletrônica e, o campo da educação para a vida ou para a arte do bem viver:

A difusão dos cursos de auto conhecimento, das filosofias e técnicas orientadas de relaxamento, meditação, alongamento, etc [...] tornaram-se estratégias de resistência, caminhos de sabedoria. É também um grande campo da educação não-formal (GOHN, 2005, p. 99).

Dentro dos campos abordados por Gohn (2005) o Movimento Hip Hop perpassa pelo primeiro e o terceiro campo. A aprendizagem política, no meu entendimento, subsidia a adesão dos integrantes do movimento à atuação comunitária, isso foi observado num terceiro capítulo, quando explano a respeito da atuação dos segmentos. A politização no Movimento Hip Hop acontece, dentre outras formas, a partir da percepção de seus/suas integrantes a cerca da força articuladora que o movimento possui. Lodi e Souza (2005) comentam sobre o assunto, afirmando que os integrantes do hip hop:

São bastantes críticos à qualquer aproximação de pessoas ou grupos que não pertençam à sua realidade, fazendo questão de se afirmarem como integrantes de um movimento cultural e social, sendo que alguns se consideram também membro de um movimento político [...] (p. 144).

Essa criticidade oportuniza aos integrantes do Movimento Hip Hop o exercício de pensar e repensar constantemente o seu cotidiano para uma atuação comunitária eficaz. Ainda sobre a educação não-formal, os espaços onde pode ser desenvolvida são inúmeros: associações de bairro, organizações que coordenam movimentos sociais, partidos políticos, e até mesmo nas escolas, integrando os momentos de interação da escola com a comunidade. Foram desses espaços alternativos na escola que o Projeto Quadro Negro se aproveitou para realizar a sua proposta, criando novos conhecimentos e aguçando a criatividade dos/das jovens inscritos nas oficinas. Partindo desta experiência com o Movimento Hip Hop, descubro que os procedimentos metodológicos utilizados nesta modalidade de educação, são pouco codificados em palavras escritas, estão organizados ao redor da fala, que é emitida por causa de uma dada emoção vivenciada.

São falas que estiveram caladas e passaram a se expressar por algum motivo impulsionador (carência econômica, direito individual ou coletivo usurpado ou negado, projeto de mudança, demanda não atendida). Ao se expressar, os atores/sujeitos dos processos de aprendizagem articulam o universo de saberes disponíveis, passados e presente, no esforço de pensar /elaborar/reelaborar sobre a realidade em que vivem (GOHN, 2005, p. 106).

A educação não-formal, ora confunde-se com a educação informal, ora não consegue ter visibilidade na educação formal. Esperava que Becker (1994) me ajudasse a fazer esta distinção, mas entendo com a sua contribuição que a linha entre as educações formais e informais são realmente ínfimas. Quando a autora pergunta se devemos dar prioridade aos projetos de educação formal ou informal, a mesma levanta uma crítica sobre a partilha das verbas vindas dos organismos internacionais para projetos locais, e enfatiza que no fim das contas, a maior parte dos financiamentos acaba nas mãos da educação formal.

A autora conclui salientando que “devemos empreender esforços para empreender para melhorar os sistemas de educação formal de maneira a que eles realmente sirvam ao povo, e de outro, ajudar os programas de educação não formal, os quais poderiam estar ligados ou integrados às atividades de educação formal” (BECKER, 1994, p. 50). Considero importante preocupação da autora, e aproveito o momento para demonstrar descontente comparação com o Projeto Quadro Negro, que após o seu plano piloto, permaneceu paralisado por falta de recursos financeiros, com isto, o Movimento Hip Hop estanca a oportunidade de dar continuidade as atividades que beneficiam a juventude negra e branca pobre que estão nas escolas públicas de Salvador. A interlocução citada por Becker (1996, p. 50) entre a educação formal e a não-formal fica no campo das aspirações.

Diante a não resposta sobre a distinção entre educação não-formal e informal, novamente recorri a Gohn (2005) que por fim deixa patente:

O que diferencia essas educações uma da outra é que a primeira existe a intenção de criar ou buscar determinadas qualidades e/ou objetivos. Na educação informal emana dos processos espontâneos e naturais, ainda que seja carregada de valores e representações, como é o caso da educação familiar (GOHN, 2005, p. 100).

Ocupa um lugar polêmico na atualidade o papel da educação formal, de onde muitas críticas foram tecidas em torno desta modalidade educacional. Recuperando a minha crítica inicial no primeiro capítulo, penso mesmo que a escola e a universidade não têm dado conta da formação vital que se aproxima da nossa afirmação cidadã no mundo. Entenda-se com “afirmação cidadã” um termo que está diretamente implicado com as discussões sobre autonomia proporcionadas por Gadotti (2004) e constantemente por Freire. E é nesse aspecto que Gadotti (2004) constrói as suas considerações sobre a escola cidadã²³. Para o autor,

²³ A expressão “escola cidadã” foi tomada de empréstimo por Gadotti(2004)de GenuínoBordignon um dos escritores do livro “A escola cidadã: uma utopia municipalista” da editora Cortez, 1989. Com isto Gadotti (2004) defende a escola pública autônoma, sinônimo de escola pública popular.

discutir autonomia da escola é “discutir a própria natureza da educação” associa que o debate da autonomia vem adjunto com a crítica ao papel do Estado; e diz que o grande desafio da escola pública está em garantir um padrão de qualidade (para todos), e ao mesmo tempo, respeitar a diversidade local. “A escola deve ser o centro da vida social, e não um serviço administrativo, ‘odiada’ por muitos de seus alunos, que se sentem livres apenas quando estão fora dela” (GOHN, 2005, p. 109). Por isso as práticas da educação não-formal e informal de educação atraem muito mais a juventude, instigando a sua participação criativa.

Foi essencial para esta pesquisa compreender a diversidade contida na educação, porque, é de acordo com tal entendimento que posso processar a educação no Movimento Hip Hop e assim pensar alternativas que me façam, como profissional pedagoga, cooperar com o Movimento Hip Hop pontual ou efetivamente. Todas e todos nós pedagogas e pedagogos precisamos estar atentos as necessidades atuais da educação, e partir da abrangência composta nas educações aqui discutidas, tentar perceber o elo de ligação entre as partes e gerar a interação possível.

4 O PROCEDÊ – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para entender como o potencial pedagógico do hip hop vem sendo aproveitado pela academia, optei por perceber este impacto nas produções intelectuais diversas. Da década de 60 para os tempos atuais muito tem sido produzido em termos de hip hop no Brasil. Podem-se encontrar publicações em diversas modalidades, de sites específicos, como o www.bocadaforte.com.br e o www.realhiphop.com.br, a livros, revistas, artigos, jornais e fanzines independentes como o “Estação Hip Hop” e o “Zine na Lata”, além de produções acadêmicas em monografias, dissertações e teses. Os procedimentos metodológicos desenvolvidos ao longo da pesquisa se constituíram aos poucos. Isto porque ao seguir orientações de Minayo (1999, p. 90) percebi que o processo de pesquisa consiste na definição e redefinição do objeto e que o conhecimento é fruto de um exercício de cooperação onde trabalhamos sobre as descobertas uns dos outros, e é considerado importante neste momento verificar o quanto se descobriu até aqui e como a sistematização do material encontrado pode contribuir para a produção de conhecimento a cerca do tema.

Os procedimentos desenvolvidos na pesquisa foram na introdução explicitados brevemente. Penso que cabe neste capítulo desdobrá-los melhor, apresentando o porte metodológico ao longo da investigação. Após o encontro com literaturas sobre o tema e com a atenção voltada para os objetivos da pesquisa passei, guiada principalmente por Gil (2006), a identificar as etapas sucessivas que seguiriam neste processo. Tracei então um roteiro elaborado com base em experiências anteriores, cortejando as experiências de outros autores e autoras do campo. Através do prévio roteiro me foi possível realizar a escolha do tema, contudo delimitá-lo não foi tarefa fácil. Levei em consideração o meu interesse profissional e a viabilidade acadêmica que poderia resultar em demais pesquisas na pós-graduação.

A presença do orientador e de um grupo de pesquisa que se encontrava imbuído na missão de produzir conhecimento e de fazer ciência foi determinante para o encontro da temática referida. Em seguida, tratei de realizar o levantamento bibliográfico no intuito de me inteirar sobre o tema e através de tal familiaridade, estar certa de que fiz o recorte necessário para a temática posta. A formulação do problema sucedeu-se como mais um momento complexo. Para tanto, Gil (2006), como constante referência, oferece algumas perguntas que

foram expressivamente úteis para avaliar em que medida o problema proposto estava em condições de ser investigado²⁴.

Após a formulação do problema e da delimitação temática elaborei um plano provisório de assunto. Sua característica provisória previa que o mesmo seria modificado por diversas vezes até que a pesquisa chegasse ao formato presente. Continuei assim na busca pela identificação das fontes capazes de responder o problema sinalizado: Como o potencial pedagógico do Movimento Hip Hop vem sendo utilizado pela academia? Com o apoio do orientador e consultas com diferentes pessoas e especialistas da área, tive a oportunidade de receber apreciação crítica sobre a pesquisa e indicações de materiais que me oferecessem êxito.

Os livros foram as primeiras fontes bibliográficas a que me ative, pois já fazia um certo tempo que observava o aparecimento de referências ao hip hop e por isto, logo me despertou a curiosidade de saber como o movimento estava sendo abordado nessas produções. Entre o que foi encontrado estão mesclados obras de divulgação científicas ou técnicas e algumas obras de vulgarização²⁵, pois julgo de valor trabalhar com tal diversidade que me coloca na ponte entre a universidade e o movimento hip hop, compreendendo também o texto e contexto de base empírica que delinea a presença da pedagogia no movimento.

Considero a busca em periódicos, teses e dissertações de estimável sucesso. Através da ferramenta de pesquisa Google Acadêmico, Altavista.com e os Periódicos da [Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior \(Capes\)](#) encontrei pistas que me levaram aos trabalhos sobre o hip hop em estados como Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Brasília. Certamente que as buscas não culminaram na internet, ao contrário, elas iniciaram nas bibliotecas e respectivas bases de dados dos cursos de Pedagogia da UFBA, e UCSAL campus Lapa, sem perspectiva de quando iriam cessar, pois, a meu ver, este trabalho investigativo apenas começou.

De posse de todo material encontrado e pré-selecionado, parti para a leitura do mesmo onde, pude identificar informações do meu interesse de pesquisa, estabelecer relações entre informações e tema proposto e analisar a consistência dessas informações. Devo revelar que, ao contrário do que pensava, há, no Brasil, uma densa produção que pauta o hip hop nas páginas da ciência e, pela densidade do que foi encontrado, tive que fazer algumas reservas,

²⁴ Para tal ver Gil (2006, p.62)

²⁵ Segundo Gil (2006, p.65) as obras de divulgação científica carregam a intenção do autor de comunicar a especialistas de maneira sistemática assuntos relacionados a determinado campo do conhecimento científico ou apresentar o resultado da pesquisa. Já as obras de vulgarização, não são recomendadas numa pesquisa científica. Nelas, o autor dirige-se a um público não especializado, utilizando linguagem comum.

deixando de incluir diretamente na pesquisa parte desse material. Assinalo ainda que, as produções relacionadas à educação no hip hop, nos ambientes que recortei (periódicos, teses, dissertações, e livros), foram razoáveis. Procurei fazer uma leitura analítica, ao modo que aos poucos fui também adicionando alguns textos que encontrava pelo caminho, fruto de novas indicações. A leitura interpretativa veio combinada com os apontamentos e fichamentos, que neste instante estão organizadas no corpo deste trabalho. A organização em quadros veio da inspiração na tese do meu orientador Leiro (2004), para uma melhor visualização sobre o que foi encontrado, os quais serão apresentados no sub-tópico seguinte.

4.1 Periódicos, dissertações e teses

O encontro com os periódicos se deu naturalmente²⁶. Ao saber que o meu interesse de pesquisa era hip hop, e que a monografia recorreria à dimensão educativa deste movimento, recebi as leituras como indicação. De fato, tais textos colaboraram para a delimitação do campo - teórico em que iria encaixar os meus estudos. Nos textos, as autoras e autores dialogam entre si de forma harmônica, e cada uma delas apresenta o seu recorte ao debruçar-se sobre o hip hop. A opinião que me instigou a atenção veio de Oliveira (2006), que consta no Quadro 4 quando a autora desenvolve o caráter contra-ideológico no hip hop, pensando-o além de uma *cultura juvenil*.

²⁶ Uso a palavra *naturalmente* para dizer que o processo de catalogação desse material contou com as contribuições diversas que recebi de professores e pessoas amigas, muitos desses materiais chegaram a mim sem que eu nem imaginasse que eles existiam, agradeço por todas as contribuições, principalmente dos companheiros e companheiras do Grupo MEL.

QUADRO 1 -Hip Hop e Mercado de Trabalho

Autor	Título	Problematização
MIRANDA, Jorge Hilton de Assis	Relação de Mercado e Trabalho Social no Hip-Hop	Relações de trabalho entre a Cultura Hip Hop e o Movimento Hip hop
Objetivo (s)	Sistematização/ Análise das informações	Conclusões/ considerações/ recomendações
a) Apresentar algumas considerações referentes ao hip-hop enquanto produto comercial e enquanto instrumento de luta política.	O autor faz as seguintes considerações: a) relaciona trabalho na Cultura e no Movimento Hip Hop; b) distingue Cultura de Movimento Hip Hop c) enfatiza a influência do trabalho social no hip hop soteropolitano e alguns conflitos gerados nessa relação; e d) aponta as diversas formas de obtenção de renda na atualidade.	O Movimento vem buscando superar suas diversas contradições e particularmente o Movimento hip-hop baiano tem conseguido resultados positivos nesse sentido desenvolvendo ações que fortalecem uma articulação regional. [...] é indispensável que o Movimento seja auto-sustentável, que a Cultura possa garantir a profissionalização dos seus artistas comprometidos com um ideal coletivo de luta, possibilitando a consolidação de um mercado solidário e a conseqüente efetivação de projetos socioculturais nas comunidades onde o hip-hop atua. (p.16)

Fonte: MIRANDA, Jorge Hilton de Assis. Relação de Mercado e Trabalho Social no Hip Hop. Caderno do CEAS nº 223 julho/setembro 2006 pag. 47-58.

QUADRO 2 - Formação de educadores do Movimento Hip Hop

Autor	Título	Problematização
ÁVILA, Astrid Baecker; OLIVEIRA, Patrícia Lima de; PEREIRA, Lana Gomes.	Formação de educadores do Movimento Hip Hop: impasses e possibilidades.	A possibilidade de diálogo entre pedagogos e educadores do hip hop.
Objetivo (s)	Sistematização/ Análise das informações	Conclusões/ considerações/ recomendações
a) analisar as práticas pedagógicas e o processo de formação desenvolvido com educadores no MH2.	Neste texto há as seguintes sistematizações: a) indica a importância do pedagogo para auxiliar na formação dos educadores no hip hop; b) relata as conquistas e dificuldades obtidas ao decorrer da formação; c) ressalta que a coletividade no agir pedagógico é fórmula indispensável para o distinto momento de formação.	[...] o processo de formação humana, que ocorreu tanto nas oficinas ou com educadores do Movimento Hip Hop, intensificou o processo de construção de consciência de classe, sem a qual não podemos superar a sociabilidade regida pelo capital (p. 157).

Fonte: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina (Orgs). Práticas Corporais. Trilhando e compar(trilhando) as Ações em educação Física. V.2. Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005.

QUADRO 3 - Hip hop e cultura

Autor	Título	Problematização
ÁVILA, Astrid Baecker; OLIVEIRA, Patrícia Daniele Lima de; PEREIRA, Lana	Hip Hop e cultura: revelando algumas ambigüidades.	O Movimento Hip Hop: cultura popular ou hegemônica?
Objetivo (s)	Sistematização/ Análise das informações	Conclusões/ considerações/ recomendações
a) relatar pesquisa que objetivou analisar o processo de formação desenvolvido com educadores do MH2, verificando quais são as modificações ocorridas na prática pedagógica realizada por estes ao trabalharem com oficinas de graffiti, break, dj e mc.	A autora: a) sintetiza a construção de alicerces teóricos que permitiram um mergulho profundo nesta manifestação sócio-cultural que é o hip hop, baseado no relatório final da pesquisa-ação “Hip Hop, movimento e cidadania”; b) elucida conceito de cultura para o hip hop e questiona se o hip hop faz parte da cultura popular ou da cultura hegemônica.	Nesse movimento de tensão entre cultura dominante e a cultura popular [...] é que se sustenta, cria-se, formula-se uma dada hegemonia, bem como, dessa forma, podemos negar, reformular, alterar essa dada hegemonia (p.65).

Fonte: SILVA, Ana Márcia e DAMIANI, Iara Regina (orgs.) Práticas Corporais. Experiências em Educação Física para outra formação humana. V.3. Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005. p. 47-67

QUADRO 4 - Hip hop como movimento social

Autor	Título	Problematização
OLIVEIRA, Patrícia Daniele.	Hip Hop na perspectiva dos movimentos sociais.	A resistência do hip hop perante o sistema capitalista vigente.
Objetivo (s)	Sistematização/ Análise das informações	Conclusões/ considerações/ recomendações
a) relatar o caráter contra-ideológico do hip hop apresentando o seu perfil histórico no aspecto dos quatro elementos: rap, break, graffiti e dj.	O artigo é baseado na monografia de especialização de Patrícia de Oliveira: Para além do Hip Hop – Juventude, cidadania e Movimento Social, 2004 e traz as seguintes síntese: a) aponta o esforço que o MH2 faz para fugir da lógica capitalista e desumanizadora; b) reconhece a realidade pautada nos sistema capitalista e discute essa realidade pautando o modo de resistência dos/das hip hoppers; c) articula hip hop, educação e cidadania dimensionando uma reflexão para a importância do seu caráter educativo.	[...] o Movimento Hip Hop tem uma peculiaridade. Eles apregoam não só as melhorias para si, mas uma revolução na sociedade, uma mudança para todos. [...] Essa forma de organização em posses possibilita um caráter educativo que foge do âmbito formal, permite que haja troca de idéias e o interesse por diversos assuntos são orientados e auto-determinados. E que representam de fato os “reclames da população” (p.81).

Fonte: SILVA, Ana Márcia e DAMIANI, Iara Regina (orgs.) Práticas Corporais. Construindo outros saberes em Educação Física. V.4. Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2006. p. 63-83.

No plano das dissertações e teses, o encontro ultrapassou o campo do “natural”. Ao iniciar a pesquisa na biblioteca da Faculdade de Educação - FACED/UFBA tive o contentamento de encontrar o que é considerado como o primeiro estudo sistematizado e acadêmico registrado no Brasil sobre hip hop, a dissertação de Andrade (1996). Mas antes de falar desse estudo, referencio outros que ganharam espaço aqui por se aproximarem da abordagem temática desta pesquisa.

QUADRO 5 - Movimento Hip hop como visibilidade do adolescente negro no espaço escolar

Autor	Título	Problematização
ADÃO, Sandra Regina.	Movimento Hip hop: A visibilidade do adolescente negro no espaço escolar.	Como o hip hop coopera com a demarcação da identidade do jovem negro e de periferia.
Objetivo (s)	Sistematização/ Análise das informações	Conclusões/ considerações/ recomendações
a) retratar a realidade da comunidade de Monte Serrat, mais conhecida como Morro da Copa Lord, através das histórias de vida e experiências com o hip hop atravessadas pelos adolescentes da Escola de Educação Básica Lúcia do Livramento Mayvorme.	A autora consegue: a) relacionar sua identidade de pesquisadora e o contexto local onde foi realizada a pesquisa; b) apresenta o histórico, rua onde está localizada e as atividades que são proporcionadas pelo hip hop dentro do ambiente escolar; c) apresenta sugestões que poderão subsidiar novas pesquisas na formação de educadores.	A autora considera o hip hop como um “movimento cultural juvenil”; [...] os adolescentes com seu jeito despojado e alegre, fizeram-me perceber que o hip hop traz orgulho para eles (p.82); [...] o hip hop confere a eles possibilidades de assumir uma identidade mais próxima da sua realidade(p.83).

Fonte: ADÃO, Sandra Regina. Movimento Hip hop: A visibilidade do adolescente negro no espaço escolar. Dissertação de Mestrado. UFSC Florianópolis: Santa Catarina: 2006.

QUADRO 6 - Educabilidades e traços culturais em movimento.

Autor	Título	Problematização
GUSTSACK, Felipe.	Hip-Hop: Educabilidades e traços culturais em movimento.	O Hip Hop produz educabilidades.
Objetivo (s)	Sistematização/ Análise das informações	Conclusões/ considerações/ recomendações
<p>a) estudar os elementos e as atividades culturais do Movimento Hip Hop tomadas como saberes e como processos trans-escolares enquanto ações sociais potencializadoras de outras educabilidades e traços sociais;</p> <p>b) construir referências para novos caminhos de ensino-aprendizagem no contexto social mais amplo e complexo, como é o caso do Movimento Hip Hop;</p> <p>c) desenvolver uma compreensão mais apurada sobre as razões que faziam com que as práticas culturais construídas pelo hip hop produzissem nas pessoas aquelas transformações que a escola e outras instituições sociais não conseguiam produzir em tão curto espaço de tempo.</p>	<p>O autor faz duas construções cognitivas no texto: a) entende que a sua pesquisa caminha no percurso de discutir educabilidades, já que o seu foco de estudo não é diretamente na escola e sim no interior do Movimento Hip Hop; b) construiu uma imagem e aprofundou a compreensão das diferenças entre os atores e suas práticas culturais dentro do movimento;</p>	<p>[...] O Movimento Hip Hop além de ser espaço-tempo de sociabilidade e formação passa a ser também um campo de trocas e negociações de valores, ações e produtos de trabalho, dentro de um mercado global com raízes locais (p.24). [...] Falo de uma busca intencional para ampliarmos a educação que tem sido possível praticar nas instituições escolares e que deixa muito a desejar em termos de referências identitárias das pessoas nas suas trajetórias para serem mais (p.153).</p>

Fonte: GUSTSACK, Felipe. Hip-Hop: Educabilidades e traços culturais em movimento. Porto Alegre: 2003. UFRGS Acesso em 29/06/2007. Tese. 225p.

QUADRO 7 - Hip Hop e Educação

Autor	Título	Problematização
FERREIRA, Tânia Maria Ximenes.	Hip Hop e Educação: mesma linguagem, múltiplas falas.	Heterogeneidade no hip hop.
Objetivo (s)	Sistematização/ Análise das informações	Conclusões/ considerações/ recomendações
Estudar o hip hop na sua constituição de três manifestações artísticas: rap, break, graffit e dj.	Dissertação desenvolvida na área Ensino, Avaliação e Formação de Professores, a qual apresenta as seguintes características: a) identifica a presença de múltiplas falas no universo do hip hop; b) reconhece que a violência é uma das temáticas mais abordadas no hip hop; c) considera hip hop como cultura popular.	[...] A construção do hip hop, por seu caráter de fluidez e dinâmica, constituiu-se de avanços e recuos. O acesso aos meios de comunicação permitiu que informações e diferentes pontos de vista circulassem entre os hip hoppers. Todavia, o que sabemos a respeito das propostas do movimento hoje, talvez não valha para amanhã. (p.87)

Fonte: FERREIRA, Tânia Maria Ximenes. Hip Hop e Educação: mesma linguagem, múltiplas falas. Campinas: São Paulo, 2005. 110p. Dissertação. FAGED/UNICAMP. Acessado em 29/06/2007.

4.2 Publicações em livros

As publicações em livros foram divididas em duas partes. A primeira apresenta livros completos que abordam a temática hip hop sob diversas óticas. Nesta poderá ser encontrados de títulos que falam da relação hip hop e educação ao mais curioso, que discute a relação da filosofia com o hip hop. E a segunda parte apresenta publicações parciais em livros, seguindo mais abaixo, a partir do Quadro 15.

QUADRO 8 - O rap como dimensão educativa

Problematização	Objetivo (s)
O rap como dimensão educativa.	a) reunir em coletânea de autores e autoras trabalhos direcionados ao hip hop; b) discutir a importância do rap no cotidiano da juventude negra e explicitar algumas alternativas de práticas pedagógicas com uso do rap.
Sistematização/ Análise das informações	Conclusões/ considerações/ recomendações
a) possui uma visão que busca desmarginalizar o rap.	Este livro é recomendado para quem possui interesse de trabalhar com o elemento rap e também fornece algumas propostas didáticas que podem enriquecer o trabalho pedagógico da professora ou do professor.

Fonte: ANDRADE, Elaine Nunes de (org.). Rap e educação. Rap é educação. São Paulo: Summus, 1999.

QUADRO 9 - Thaíde um dos precursores do MH2 no Brasil

Problematização	Objetivo (s)
Como o Mc Thaíde contribui e contribuiu para a evolução do Movimento Hip Hop brasileiro.	a) Registrar através de entrevista ao Mc Thaíde e outros companheiros do mesmo a história do hip hop no Brasil.
Sistematização/ Análise das informações	Conclusões/ considerações/ recomendações
a) o trabalho está dividido em três partes: a) Senhor tempo bom” – descreve o primeiro contato da cultura hip hop com o Brasil; b) Vamos que vamos – fala da carreira de Thaíde e Dj Hum e mostra como o Movimento Hip Hop ganhou o país e a juventude; c) Pode crer – conta a história e considerações de Thaíde sobre os personagens importantes do hip hop.	Este é um livro base para quem deseja ter conhecimento da origem do hip hop no Brasil.

Fonte: ALVES, César. Pergunte a quem conhece: Thaíde. São Paulo: Labortexto Editorial, 2004.

QUADRO 10 - Contrapartida do hip hop à juventude

Problematização	Objetivo (s)
O que o hip hop oferece à juventude negra do Brasil.	a) investigar as raízes do hip hop no Brasil e no mundo.
Sistematização/ Análise das informações	Conclusões/ considerações/ recomendações
a) discutir o hip hop como instrumento de inclusão da juventude negra através da ludicidade que dá visibilidade a quem se vê excluído.	[...] o rap nacional sugere um novo espaço de reflexão e denúncia reivindicando para si espaços de sociabilidade, nos quais os indivíduos, impulsionados por interesses diversos se soldam numa unidade distintiva dentro do corpo social (p. 147).

Fonte: MARTINS, Rosana. Hip Hop: o estilo que ninguém segura. Santo André-SP: Editora Esetec, 2005.

QUADRO 11 - Demarcações do Funk e do hip hop no Brasil

Problematização	Objetivo (s)
Demarcações do Funk e do hip hop no Brasil.	a) focalizar um dos campos da cultura em que se verifica a presença de um referencial significativo que evidencia o universo da música, no qual o hip hop participa.
Sistematização/ Análise das informações	Conclusões/ considerações/ recomendações
a) o funk e o hip hop no Brasil e nos Estados Unidos, e o punk na Inglaterra tem contribuído para evidenciar o intenso processo de fragmentação que vem marcando as dinâmicas sócio-cultural contemporânea.	O autor se interessa por estudos culturais juvenis.

Fonte: HERSCHMANN, Micael. O funk e o hip hop invadem a cena. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

QUADRO 12 - O hip hop e o funk e suas representações sociais

Problematização	Objetivo (s)
As representações sociais de violência no funk e do hip hop.	a) problematizar como a partir das expressões culturais como o funk e hip hop, os jovens das periferias e favelas inserem-se no mercado, lidam com os processos de estigmatização e glorificação bastante frequente na mídia, e no que reflete nos estilos de vida.
Sistematização/ Análise das informações	Conclusões/ considerações/ recomendações
a) discute a mídia e o papel cultural da violência.	O autor percebe que os jovens dos grupos que estuda, o hip hop e o funk, não trazem a questão política necessariamente como seu objetivo primeiro. [...] seus estudos de vida são resultados de uma atuação necessariamente “engafada”, mas que traz reflexos políticos. Pode ser elaborada por um simpatizante e, mesmo assim, traz efeitos benéficos para o segmento que o assume como importante referencial identitário (p. 284).

Fonte: SOUZA, Jusamara; FIALHO, Vânia Malagutti; ARALDI, Juciane. Hip hop: da rua para a escola. Porto Alegre: Sulina, 2005.

QUADRO 13 - A filosofia e o hip hop

Problematização	Objetivo (s)
Princípio filosófico no hip hop.	a) com o aporte da filosofia conta a história do hip hop analisando o sentido político contido nos elementos, tomando como referência o hip hop nos Estados Unidos.
Sistematização/ Análise das informações	Conclusões/ considerações/ recomendações
a) acompanha as transformações culturais no hip hop.	Reconhecer o que é o hip hop desafia os participantes a contribuir com suas habilidades e análises para esses sistemas de valores. (p. 2003). A juventude hip hop luta por meio dos arcabouços teóricos de Michel Foucault, Mikhail Bakhtin, Judith Butler, Antônio Gramsci, Jürgen Habermans, entre outros, “gritando”, testando e desafiando as teorias e as filosofias para, talvez, trazê-las de volta aos seus jovens corpos em movimento, mantendo, assim, a teoria real.

Fonte: IRWIN, William (Coord.) Hip Hop e a filosofia. São Paulo: Madras, 2006.

QUADRO 14 - O fenômeno hip hop

Problematização	Objetivo (s)
O hip hop entendido como fenômeno sócio-cultural que merece atenção intelectual.	a) exercitar o entendimento sobre o hip hop como importante fenômeno sócio-cultural, evidenciando as particularidades dos seus elementos e seu aspecto de atuação social.
Sistematização/ Análise das informações	Conclusões/ considerações/ recomendações
Este livro tem como características: a) definição conceitual baseado em pesquisas já existentes e entrevistas dirigidas; b) identificação dos grupos ou pessoas que iniciaram o hip hop no Brasil; c) pontua o gangsta rap e a turma da latinha; d) desvela as mulheres nos quatro elementos, destacando a resistência do gênero; e) conta a história da primeira rádio comunitária, a “Rádio Favela” localizada em Belo Horizonte; f) fortalece o lado profissional dos elementos ao evidenciar os trabalhos comerciais do graffiti, os debates sobre o assunto entre rappers, b.boys/b.girls e dj’s; g) destaca as oficinas de hip hop como oportunidade de resgate da cidadania, onde a juventude pode ter alternativas positivas para o futuro; h) pondera a acuidade da vinda do criador do hip hop ao Brasil, o Afrika Bambaata em 1999.	O hip hop é estímulo a estima da juventude negra, denúncia de sua exclusão cultural e econômica, conscientização coletiva. [...] O hip hop não pára (p.128).

Fonte: ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. Hip hop: a periferia grita. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2001.

Nas publicações parciais encontrei artigos e textos que considero que tem contribuições interessantes para a pesquisa, pois a abordagem que trazem nos seus textos possui um rigor acadêmico, e a construção textual que as autoras e autores fazem ampliou meus horizontes sobre temas que poderei desenvolver futuramente em outros trabalhos acadêmicos.

QUADRO 15 - Do gueto para o mundo

Problematização	Objetivo (s)
Hip Hop: do local ao global	a) pensar a questão da territorialidade sob a ótica da juventude tendo como intermédio o rap; b) explicitar o rap como uma das possíveis representações da periferia de Capão Redondo, em São Paulo.
Sistematização/ Análise das informações	Conclusões/ considerações/ recomendações
a) o trabalho se prende a uma emergência do discurso rapper sobre a realidade da periferia e a presença do negro no Capão Redondo; b) analisa letras de rap que subsidiam a discussão.	[...] a análise procurou as formas de representação do território da periferia visto como portador de uma patologia e o engendramento de estratégias de resistência negra na sociedade brasileira (p. 173).

Fonte: CARRIL, Lourdes. Quilombo, favela e periferia. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006. p.169 – 205.

QUADRO 16 - Juventude do hip hop em ação

Problematização	Objetivo (s)
A juventude hip hop e a atuação cotidiana.	a) entender as relações da juventude pobre com o hip hop.
Sistematização/ Análise das informações	Conclusões/ considerações/ recomendações
a) desenvolve o termo "juventudes" questionando os critérios etários definidores de um período da vida universalmente padronizado; b) dentre as diversas manifestações culturais juvenis as autoras optam pelo grupo que denominam "juventude hip hop"; c) elegem os jovens pobres como foco principal de pesquisa, no sentido de perceber as manifestações culturais e o que está sendo comunicado através do hip hop; d) discutem mercado de trabalho dentro do quadro de desigualdade social que os jovens do hip hop enfrentam.	[...] os integrantes da cultura hip hop procuram constituir um lar social em questões identificadoras, criando uma espécie de grupo acolhedor que dê sustentação às suas diversas demandas (p. 155).

Fonte: LODI, Célia Amália e SOUZA, Solange Jobim e. Juventude, cultura hip-hop e política. In: CASTRO, Lúcia Rabello e CORREA, Jane (orgs). Juventude Contemporânea: Perspectivas nacionais e internacionais. Rio de Janeiro: Nau editora; Faperj, 2005.

QUADRO 17 - Política, educação e hip hop

Problematização	Objetivo (s)
A política de representação do hip hop e a lógica mercantil: consenso e dissenso.	a) compreender as relações entre hip hop e mídia com base na experiência de jovens de classes populares que, dependendo da consciência de sua situação social, terão maior ou menor autonomia para conduzir sua história pessoal e coletiva.
Sistematização/ Análise das informações	Conclusões/ considerações/ recomendações
a) enfoca conflitos dos produtores de hip hop com o mercado, partindo do pressuposto de que o mesmo se deve a tensão entre os rappers com seus discursos politizados e a lógica mercadológica desempenhada pelo esforço presente do capital.	[...] o hip hop no Brasil pode ser entendido como: a) meio de tornar os grupos juvenis visíveis na mídia hegemônica que valoriza referenciais culturais globais; b) estratégia de luta política em um país que neutraliza, tanto o conflito étnico (transformando negritude em símbolo da identidade nacional) como o conflito de classe (valorizando a idéia do brasileiro pacífico, ordeiro e cordial) (p.113).

Fonte: RONSINI, Veneza V. Mayora. Mercadores de sentidos: consumo de mídia e identidades juvenis. Porto Alegre: Sulina, 2007. p.89-116.

QUADRO 18 - Gangsta rap

Problematização	Objetivo (s)
A pedagogia gangsta e o geocentrismo: a nação hip hop como uma esfera contrapública.	a) demonstrar através do olhar estadunidense, como se dá a pedagogia gangsta, proporcionada pelos gangsta rappers, que fazem parte de um grupo de músicos denunciados pelos guardiões morais da cultura dos Estados Unidos por instigarem a delinquência juvenil; b) desmistificar esse olhar discriminatório sobre este estilo de rap.
Sistematização/ Análise das informações	Conclusões/ considerações/ recomendações
a) pretende não confundir o gangsta rap com o rap ou hip hop, isso porque, segundo o autor, o rap está ligado diretamente ao hip hop e o estilo gangsta não necessariamente; b) evidencia a intelectualidade orgânica existente no rapper gangsta; c) afirma o papel contrahegemônico do rap e do gangsta rap; d) apresenta posicionamento de artistas como Queen Latifah e Ice Cube sobre a questão gangsta; e) entende e interpreta o rap e toda manifestação que levará ao hip hop como de identidade racial negra.	A cultura hip hop deve oferecer espaços de resistência e transgressão, sem sucumbir a incoerência política. [...] O desafio que o gangsta rap enfrenta, em particular, e a cultura hip hop em geral, é até onde eles contribuem para a desfamiliarização do sujeito imperial euro-americano, e até onde ele pode tornar-se autoconsciente das relações de poder e de privilégio que determinam e criam o contexto para seus intercâmbios culturais (p.185).

Fonte: MCLAREN, Peter. Multiculturalismo Revolucionário: Pedagogia do dissenso para o novo milênio. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. p.153-193.

4.3 Bibliotecas de Pedagogia – UCSAL campus Lapa, UFBA/FACED

Por fim, os achados nos acervos das bibliotecas de duas universidades com curso de Pedagogia de Salvador. Optei por uma universidade particular além da federal que faço parte, porque, observei em diversos momentos que participei de reuniões da Rede Aiyê²⁷ que aumentava o número de universitários que procuravam aquele espaço a fim de elaborar seus Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). Fui de encontro com essas bibliotecas UCSAL campus e na UFBA/FACED, respectivamente abaixo, buscando encontrar esses trabalhos, mas o que encontrei demonstrou situação oposta ao que esperava.

QUADRO 19 - As letras de música Rap

Autor	Título	Problematização
FRANCO, Carolina Garcez de Martino Lins de.	A vida anunciada pelas letras de música Rap.	A vida anunciada pelas letras de música Rap. As letras do rap traduzem a realidade da juventude negra.
Objetivo (s)	Sistematização/ Análise das informações	Conclusões/ considerações/ recomendações
a) relacionar a vida com a expressão estética e política da música rap.	a) analisa três letras: Homem de Aço (grupo DMN), Soul do Hip Hop e Afro-Brasileiro (Thaíde e Dj Hum).	As letras de músicas analisadas expressam um projeto de vida para os negros pobres habitantes das periferias das grandes cidades. [...] Exclui a incorporação de símbolos que nada tem a ver a vivência negra; incorpora Zumbi, Gandhi, o nariz, a boca e o cabelo pretos. [...] Rap, Break, Graffiti não são apenas expressões culturais: são armas de luta (p.175).

Fonte: Nº 4 – Ano 94. Volume 94, 2000. P. 167-175.

²⁷ As reuniões da Rede Aiyê acontecem toda segunda sexta-feira do mês, no Passeio público, onde fica localizado o Teatro Vila Velha em Salvador. As reuniões agregam militantes do Movimento Hip Hop, visitantes e simpatizantes, e tem a finalidade trocar informações entre grupos, segmentos e posses, além de promover palestras, seminários formativos sobre hip hop e questões da atualidade e, planejar encontros e atividades de mobilização comunitária.

QUADRO 20 - Movimento Negro Juvenil

Autor	Título	Problematização
ANDRADE, Elaine Nunes de.	Movimento Negro Juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo.	O Movimento Hip Hop e a juventude negra.
Objetivo (s)	Sistematização/ Análise das informações	Conclusões/ considerações/ recomendações
a) entender a construção identitária do jovem negro morador de periferia através do Movimento Hip Hop	A dissertação: a) apresenta o Movimento Hip Hop; b) Traz considerações sobre Movimentos Sociais; c) Propicia a interação entre Movimentos Social e Educação; e d) Discute o Movimento Hip Hop na perspectiva de Movimento Negro Juvenil.	A presente dissertação é pioneira na temática hip hop. Apresenta um trabalho muito rico e elaborado, que considero de indispensável referência.

Fonte: ANDRADE, Elaine Nunes de. Movimento Negro Juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo. 1996. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo.

5 O DESAFIO APENAS COMEÇOU

*“Vamo que vamo,
que o som não pode parar!”*

Thaíde – MC

Aproveito do convite feito acima por Thaíde para trazer as considerações que porão fim a este instante de produção. “Vamo que vamo” na batida ritmada do desejo que me levou a confeccionar essa colcha de idéias e retalhos pedagógicos. Estudar hip hop para mim é, antes de tudo, reconhecer as pessoas e o tempo histórico em que tudo aconteceu. Muitos personagens construíram e estão a construir a história do Movimento Hip Hop no Brasil e no Mundo, na pesquisa foram destacados alguns: Dj Lovebug Starski, Afrika Bambaataa, Kool Herc, Nelson Triunfo, o próprio Thaíde, Jorge Hilton, pessoas que viveram e vivem pelo hip hop, impulsionando assim o crescimento do que seria, nos tempos atuais, configurado como uma das maiores formas de expressão da juventude negra mundial.

A chegada do Movimento Hip Hop ao Brasil possibilitou um encontro diaspórico que atingiu as camadas periféricas do país, e as juventudes da década de 80, aceitavam com propriedade o que se iniciava e se configurava como o Movimento Hip Hop brasileiro. Mesmo sem saber direito do que se tratava, mesmo sem saber que o que estavam vivenciando era a Cultura Hip Hop, e sem ao menos imaginar que ao se organizarem em grupos para lutarem pelas causas comunitárias, utilizando o hip hop como meio, estavam formando *posses* de articulações diversas, mesmo assim, o Movimento Hip Hop ganhou força e forma no país.

Os estados do Rio de Janeiro e São Paulo foram pioneiros na aceitação do Movimento. Nestes estados as *festas blacks* dominavam os bailes que tinham o intuito de resgatar a auto-estima negra através das palavras de estímulo contidas na música do James Brown. Em meados da década de 90 o Movimento Hip Hop tende a se organizar e os quatro elementos compunham os espaços periféricos, subúrbio e centro da cidade do Salvador. Rap, Break, Graffiti, Dj aliados à ousadia e garra de jovens negros/ negras que através da mensagem presente em cada elemento do hip hop se entendiam, e se faziam entender identitária e regionalmente como uma geração indignada, inquieta, combativa.

Como pesquisadora-militante deste Movimento optei por fazer desta minha experiência acadêmica uma espécie de carta aberta ao hip hop que declara meu posicionamento com relação ao fazer e estar na universidade. Como poderia passar por aqui sem falar na gente e ter

o prazer de falar da gente pra gente? Logo, foi esse direcionamento que emaculou as linhas expressas neste trabalho. Aproveitei com isto, para descobrir um pouco mais sobre o movimento e aprender também. E foi exatamente isso que aconteceu. Aprendi em demasia, e muitas vezes me deparei surpreendida com a quantidade de materiais que chegavam até as minhas mãos. Obras científicas completas, artigos, revistas, cd's, músicas, fotografias, estatutos, estórias e histórias traduzidas em momentos e palavras.

Assim continuei a caminhar com a pesquisa, e presenciei a transformação dinâmica do Movimento Hip Hop Salvador. Vale ressaltar a rica mudança no sentido e nas organizações juvenis comunitárias. Inicialmente eram as *posses*, que atuavam num campo micro espacial, sendo as próprias comunidades de origem daquela juventude o espaço principal de atuação, depois vieram os *segmentos* só que desta vez com a atuação mais ampliada e articulada dialogando com o poder público local, promovendo interação entre as demais cidades brasileiras, e realizando encontros nordestinos e de gênero, com um grau de organização muito próprio.

O Conhecimento, legitimado pela organização Zulu Nation, responsável por reger o Movimento Hip Hop no mundo, é o elemento que elabora e está intrínseco nas práticas do hip hop. Com os estudos, assimilei que no movimento o conhecimento é sinônimo de educação, o Projeto Quadro Negro me ajudou a formatar essa evidência. Com a pesquisa pude aprimorar um pouco mais os meus conhecimentos sobre a educação não-formal, informal com a perspectiva de vê-las integradas a educação formal, ou seja, as educações com ponto de encontro numa só educação preocupada com a formação humana e cidadã.

Dentre as referências encontradas sobre hip hop que estão aqui apresentadas destaco as importantes contribuições trazidas no quadro 5, 6, 7 e 17, onde os autores e autoras relacionam o hip hop à educação. Ter conseguido identificar as pessoas que se interessam por estudar a questão da educação aliada ao hip hop foi a conquista que aponto como principal. A pergunta a que se propôs esta investigação encontrou uma resposta que ainda não me convenceu. Descobri que, do ponto de vista pedagógico o hip hop ainda é pouco explorado pela academia e o maior desafio é aproximar o hip hop dos cursos de Pedagogia, formando professores contextualizados com atualidade, com as transformações do universo juvenil. Vislumbro a superação deste desafio a partir do momento em que no currículo do nosso curso (Pedagogia) estiverem previstos os possíveis diálogos transversais e interdisciplinares do hip hop com as disciplinas obrigatórias para nossa formação quanto pedagogas e pedagogos.

Com este estudo, não pretendo esgotar a minha busca por compreender como as implicações pedagógicas do hip hop repercutem na educação formal de maneira ampla, por

isso, pretendo dar continuidade a esta pesquisa mais adiante. Porém, pretendo dar alguns outros enfoques que me interessaram como os que foram encontrados no quadro 10,13 e 18. Nesses quadros são trabalhados a questão do *gansta rap*, juventude hip hop e a troca de saberes da filosofia com o hip hop. Com certeza não sou a mesma depois da escrita desta pesquisa. Nem mesma militante, nem mesma estudante, e estou completamente a disposição de novas descobertas ou amadurecimento das descobertas recentes.

Êa povo negro!

REFERÊNCIAS

- ADÃO, Sandra Regina. **Movimento Hip hop: A visibilidade do adolescente negro no espaço escolar**. Dissertação de Mestrado. UFSC Florianópolis: Santa Catarina: 2006. 115p.
- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ALVES, César. **Pergunte a quem conhece: Thaíde**. São Paulo: Labortexto editorial, 2004.
- ANDRADE, Elaine Nunes de (Org). **Rap e educação. Rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.
- _____. **Movimento Negro Juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo**. 1996. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- ASSEF, Cláudia. **Todo Dj já sambou: a história do disc-joquei no Brasil**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.
- ÁVILA, Astrid Baecker; OLIVEIRA, Patrícia Daniele; PEREIRA, Lana Gomes. Formação de educadores do movimento hip hop: impasses e possibilidades. In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina (Orgs). **Práticas Corporais**. Trilhando e compar(trilhando) as Ações em educação Física. V.2. Florianópolis: Nauemblu Ciência & Arte, 2005.
- _____. Hip Hop e cultura: revelando ambigüidades. In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina (Orgs) **Práticas Corporais**. Experiências em Educação Física para outra formação humana. V.3. Florianópolis: Nauemblu Ciência & Arte, 2005.
- BECKER, Ulrich. Educação formal ou informal? Uma contribuição às discussões atuais sobre falsas alternativas. In: FAUNDEZ, Antônio. **Educação, Desenvolvimento e Cultura**. São Paulo: Cortez, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CARRIL, Lourdes. **Quilombo, favela e periferia: a busca da longa cidadania**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2002.

CONTIER, Júlia. **De Norte a Sul** - Um estilo quase musical que serve de veículo a textos em geral libertários e de protesto. 2002.
http://www.eja.org.br/cadernosdeaja/juventudeetrabalho/jt_txt10.php?acao3_cod0=e5041224a79a9f10e9b0fe7a4d1c40ab Acesso em 27/06/2007.

CORTELLA, Mário Sérgio. **A escola e o conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. São Paulo: Cortez, 2005.

DAYRELL, Juarez. **O rap e o funk na socialização da juventude**. Educ. Pesqui., São Paulo, v.28, n.1, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022002000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03/07/2007. Pré-publicação.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. Curitiba: Posigraf, 2004.

FERREIRA, Tânia Maria Ximenes. **Hip Hop e Educação: mesma linguagem, múltiplas falas**. Campinas: São Paulo, 2005. 110p. Dissertação. FACED/UNICAMP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000374250>>. Acesso em: 29/06/2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____; GUIMARÃES, Sérgio. **A África ensinando a gente**: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GARCIA, Regina Leite (Org.). **Aprendendo com os movimentos sociais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. Para quem escrevemos: reflexões sobre a responsabilidade social do pesquisador. In: MOREIRA, Antônio Flávio; SOARES, Magda; FOLLARI, Roberto A. **Para quem pesquisamos. Para quem escrevemos**: o impasse dos intelectuais. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2006.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro Asiáticos, 2001.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. **Teorias dos movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **O protagonismo da sociedade civil:** movimentos sociais, ong's e redes solidárias. São Paulo: Cortez, 2005.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de monografia, dissertação e tese.** São Paulo: Avercamp, 2004.

GONSALVES, Elisa Pereira; NÓBREGA, Ana Maria. **Fazendo uma monografia em Educação.** Campinas, SP: Editora Alínea, 2005.

GUSTSACK, Felipe. **Hip-Hop: educabilidades e traços culturais em movimento.** 2003. Tese. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Disponível em: <<http://sabix.ufrgs.br/ALEPH/JSPENLLO1ESE4C1RXFT9QNJDELK3GEAILRGNXFKTP2NLI8S83R-01704/file/start-0>>. Acesso em: 29/06/2007.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip hop invadem a cena.**

IRWIN, William (Coord.). **Hip hop e a filosofia.** São Paulo: Madras, 2006.

JUNY KP. **Um pouco da história do hip hop.** Disponível em: <<http://www.realhiphop.com.br/institucional/historia.htm>>. Acesso em 29/06/2007>.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LEIRO, Augusto César Rios. **Educação e mídia desportiva:** representações sociais das juventudes. 2004 Tese. Universidade Federal da Bahia. Salvador. Disponível em: http://www.grupomel.ufba.br/textos/download/teses/educacao_e_midia_esportiva.pdf Acesso em 25/06/2007.

LODI, Célia Amália; SOUZA, Solange Jobim. Juventude, cultura hip-hop e política. In: CASTRO, Lúcia Rabello; CORREA, Jane (Orgs). **Juventude Contemporânea:** perspectivas nacionais e internacionais. Rio de Janeiro: Nau editora; Faperj, 2005.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo revolucionário:** pedagogia do dissenso para o novo milênio. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MIRANDA, Jorge Hilton de Assis. **Relação de Mercado e Trabalho Social no Hip hop.** Caderno do CEAS nº 223 julho/setembro 2006 pag. 47-58.

MOREIRA, Antônio Flávio B. **Para quem pesquisamos. Para quem escrevemos:** o impasse dos intelectuais. São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, Patrícia Daniele. Hip Hop na perspectiva dos movimentos sociais. In: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina (Orgs). **Práticas Corporais:** construindo outros saberes em Educação Física. V.4. Florianópolis: Nauembru Ciência & Arte, 2006.

ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. **Hip hop:** a periferia grita. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2001.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único a consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOUZA, Jusamara; FIALHO, Vânia Malagutti; ARALDI, Juciane. **Hip hop:** da rua para a escola. Porto Alegre: Sulina, 2005.

WIKIPÉDIA. Arte-educação. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Arte-educac%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em 29/06/2007

ANEXO I – Letra do Rap “Quadro Negro”

Quadro negro

Acordei de um longo sono, a intensa luz
quase me cega
É preciso revelar o que se nega
Se a vida é uma escola toda escola tem
seu quadro
Quadro negro, formato quadrado
Nele reescrevo a minha história, faço
um diário
Na minha lista negra só tem
revolucionário
Marias guerreiras das periferias cê tem
que ver
Os guerreiros do passado e os atuais do
MST
Todos os homossexuais que resistem
com dignidade
Crioulos e crioulas que adentram nas
faculdades
Se o escuro é feio minha poesia é
imunda
Das nuvens mais negras cai água
límpida e fecunda
E por falar em água, me vem na
lembração
O **quadro negro** na verdade tem a cor
da esperança
Que caia um temporal sem pedir licença
E faça desabar essas velhas crenças
Visões estúpidas, espalhadas pelo
mundo
Que associou a cor preta a tudo que é
imundo
O negro discrimina o próprio negro sim
Se aquele que apontas como negro não
se acha assim
Cresceu aprendendo que ser negro é
feio
Se é tudo de ruim quem é que quer
andar no meio?
Quem escreveu a história do negro
nesse país?
Basta ver a cor do giz

Os Reis Faraós do Egito hoje
mumificados
Se tirassem suas faixas pudessem ser
ressuscitados
Saberia dizer a cor da pele deles sem
engano?
Quer uma pista: Egito é um país
africano
Não adianta sabermos que não existe
raça
Se o conceito predomina e representa
ameaça
O hip-hop não nega a mestiçagem,
porém
Sabe que ela não trouxe igualdade pra
ninguém
Tá vendo o que a herança branca
ofereceu?
Se existia escravidão entre africanos
antes dos europeus
Era com sentido diferente do que se viu
Não eram vendidos, não tinha caráter
mercantil
As tribos guerreavam o grupo perdedor
assume
Rendição por questão de honra, de
costume
Se há uma cor do pecado ela chegou de
mansinho
Espalhando discórdia e ambição pelo
caminho
A ciência e a igreja disseram com toda
calma
É inferior! Pode escravizar que não tem
alma
A cor da paz cometeu holocausto aos
judeus
Barbárie na inquisição em nome de deus
Nas Américas, índios foram dizimados
Mas quem sobreviveu está criando um
novo quadro

Se na prova der branco na memória

**Vamos denegrir a sua mente com a
nossa história
A luz do sol ofusca a visão
E a beleza da lua só é possível com a
escuridão**

A luta pelas cotas não anula a luta pela
melhora
Da qualidade de ensino público, tu
ignora
Pelo contrário, quanto mais negros na
academia
Muito mais força pra se lutar por um
novo dia
Racismo, o que mais me causa espanto
Não se encara como problema do
branco
Mas entre esses, há os que lutam pelo
seu fim
“ah se todo branco fosse assim”
Branquitude, pouco se ouve falar
O que explica o privilégio que sua etnia
pode conquistar?
Pra quem nasceu em berço de ouro é
difícil entender
Que não é só porque seus pais fizeram
por merecer
Foram anos de exploração no passado
pra que um dia
A sociedade fosse estruturada a favor de
uma minoria
Há os que não admitem cotas julgando
ser injusta
Outros julgando ser esmola, tudo isso
me assusta
Pergunto quanto custa superar o
engano?
Quanto custa ignorar os direitos
humanos?
Muita coisa bonita garante a
Constituição
Se esquecida ou ignorada precisa de
afirmação
Pretos e brancos são iguais, e daí? Se a
norma
Nem no cemitério são tratados da
mesma forma
Entenda agora o que são ações
afirmativas
Medidas pontuais, alternativas

Medidas passageiras que vem afirmar
Pra sociedade, que há, desigualdades, a
reparar
Dos que vivem abaixo da linha da
pobreza
70% são negros, que beleza!
Do total de universitários brasileiros
97% são brancos e herdeiros
De uma política que patrocinou para
embranquecer a raça
A vinda de 4 milhões de estrangeiros, o
tempo passa!
Tudo isso, em 30 anos irmão
Foi o que se trouxe de negros, em 3
séculos de escravidão
Patrocínio com recurso público, o
negativo
Para os escravos libertos nenhum tipo
de incentivo
Nos mataram, exploraram e depois
largaram a toa
Sem emprego, casa, comida, só
disseram: vai, voa!
Sem asas e quem sobreviveu tá por um
triz
Amontoados nas favelas de todo país
Quantos brancos moram lá? Cê conta no
dedos
Agora entenda porque cotas para negros

Refrão

Eu quero bonecas, anjos, apresentadores
pretos e pretas
Empresários, juízes, modelos, doutores
pretos e pretas
Se querer é uma faceta
Eu quero, desejo, uma elite preta

Uma coisa é pedir outra é conquistar
respeito
O fruto de uma conquista dá-se o nome
de direito
Olhe pra minha cor, olhe pra nossa luta
Nem esmola nem favor se desigual é a
disputa
Entre quem sempre teve privilégio de
estudar
Com ensino de qualidade em escola
particular

E querer comparar com ensino público e a tradição
 Tele-aula, aceleração
 Vestibular pra faculdade pública o esquema é raro
 Com cotas ou não só entra quem tem preparo
 Não serão as cotas que terão o privilégio de inaugurar
 A presenças de alunos educados pra manguear
 Vestibular das particulares tomou a frente, foi mais ligeiro
 Frequentemente só basta ter dinheiro
 Quem concorrer pelas cotas vai se deparar legal
 Com uma concorrência enorme mas não desleal
 Desleal é a condição que o jovem negro encara
 Fusca para ele, Ferrari para os de pele clara
 Competirem com as mesmas regras, maldade
 É isso que eles chamam de igualdade
 Engraçada essa gente da estética
 Ter instrução em excesso nunca foi sinal de ética
 Será mesmo a suposta elevação intelectual
 Que garantirá a formação, de um bom profissional?
 Não subestime a inteligência dos excluído desse milênio
 Veja, a faculdade do crime só tem gênio
 A elite é quem decide em âmbito nacional
 Se nossa inteligência será usada para o bem ou para o mal
 Tanto tempo buscando debate ninguém se importou
 A cota de tolerância do meu povo já se esgotou
 A Simples Rap´ortagem revela para o Brasil
 Com cotas ou não vestibular é funil
 Com cotas ou não vestibular é peneira
 Quem concorrer pelas cotas mas não for bom vai levar rasteira
 Que vença o melhor...chega a ser hilário

A prova é uma só os concorrentes que são vários
 Quem se afirmou, como provar se é negro ou não?
 De uma vez por toda pra se resolver a questão
 O cassetete da PM tem dispositivo de elite
 Nunca erra quem é negro, acredite!

Refrão

Cuidado quando alguém te incita
 A ir a um show onde só tem gente bonita
 Olhe sempre com reservas, pra mim o que interessa
 É saber que gente bonita é essa
 Analise os termos que deixaram pra gente
 Entre pardo e mulato qual o mais indecente?
 Qual o menos prejudicial?
 Ter a identidade de mula ou de pardal
 Mas pêra aê, veja que pirraça
 Pardal não é aquele passarinho que não tem raça?
 Que perambula pelas praças, dizem sem valor
 Pássaro sem vocação pra cantor
 Vira-lata, a mula é um animal
 Mão de obra barata, estéril, irracional
 Só serve para o trabalho mas não para produzir
 E aí cumpade, tu se encaixa mesmo aqui?
 Nem pardo nem mulato eu me defino politicamente
 Sou negro, ou se quiser afro-descendente
 Cuidado, que eu tô em pele de cordeiro
 Do tipo que da coice, afro-brasileiro
 Deveria ser executado com um tiro de bazuca
 O criador do personagem “negra maluca”
 Eu sou sério demais? Não vá se preocupar
 Herdei da minha gente o talento pra contrariar

Contrariando, tu vai sim me ver
sorrindo
Mas o hip-hop superou o discurso do
“negro é lindo!”
A quem interessa? Eu digo a quem
pensou
Que eu seria só mais um com vocação
pra tambor
Se respeito é bom, não me leve a mal
Quem vos fala é um neguinho cientista
social
Da Universidade Federal da Bahia
Detalhe, quem diria, na terra do “é só
alegria!”
Se denegrir é tornar negro irmão
Vamos denegrir a faculdade de
comunicação
De direito e muito mais
Vamos denegrir os órgãos oficiais

Refrão

A manchete da Simples Rap´ortagem
estampa
Um novo quadro negro se levanta
Há muito a ser contado sobre os nossos
ancestrais
Não deixar passar em branco, tarefa
nossa rapaz
Se ligue, a muito a ser feito
O importante nego é fazer do nosso
jeito

ANEXO II – Panfleto do lançamento do Cd institucional “Quadro Negro”.

HIP-HOP PELAS COTAS: UMA REAÇÃO AFIRMATIVA

"TANTO TEMPO BUSCANDO DEBATE
MAS NINGUÉM SE IMPORTOU
A COTA DE TOLERÂNCIA
DO MEU Povo JÁ SE ESQUEceu"

15 /12/ 2004 - Reitoria da UFBA - a partir das 17h
Samuel Vida, Vilma Reis, Zulu Araújo, Nelson Maca e Jocélio Teles
SHOWS RAP, BREAK, GRAFITE e DJ
Lançamento do Cd Institucional da Música Quadro Negro da
(SIMPLES RAPORTAGEM)






ENTRADA FRANCA

ANEXO III – Capa e contracapa do “Cd institucional Quadro Negro”



Vocais: Paula Oliveira
Jorge Hilton
Gueléo

Violão: Sérgio Ricardo
Baixo: Samuel Alpêra
Bateria: Paulo Sérgio

Participações:
Kinhones (Percussão)
DJ Pelé

Jason Bittencourt (Guitarra e Direção Musical)
Gravação, Mixagem e Masterização: Anderson Sousa
SIMPLES RAP'ORTAGEM CONTATOS: 9999-3061 (PAULA OLIVEIRA)
escritorioepa@yahoo.com.br

Foto: Edicássio Avelino



Jorge

Paula

Gueléo

Gravado no SDB Studios em novembro de 2004
Produção Digital: Anderson Sousa
Produção Eletrônica: Leonardo Muniz
Gerência de Atendimento: Claudio Vianna



PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO



FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES



